

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS**

**O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO: JESUS ENTRE O
HOMEM E O MITO**

Adriana Maria Vargas Heineck

**Trabalho de Conclusão de curso apresentado como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Letras pela Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.**

**Orientadora:
Prof^ª Dr^ª Regina Zilberman**

**Porto Alegre,
Dezembro/ 2012**

Dedico o presente trabalho aos meus pais, meus grandes
incentivadores,

À minha irmã e ao meu marido que me ajudaram na
formatação,

À minha professora, pela paciência e orientação.

“No céu tinha que estar sempre sério
E de vez em quando se tornar outra vez homem
E subir para a cruz, e estar sempre a morrer
Com uma coroa toda à roda de espinhos
E os pés espetados por um prego com cabeça
E até com um trapo à roda pela cintura.”

Fernando Pessoa

RESUMO

O presente trabalho baseou-se em uma pesquisa junto aos evangelhos canônicos de Mateus, Marcos, Lucas e João, e ao romance *Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago. No primeiro capítulo, analisa-se a representação de Jesus nos evangelhos de São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João. No segundo capítulo, o romance é o objeto de análise. Apontam-se as passagens que caracterizam a humanidade do Jesus representado por Saramago, que diferem do mito representado pelos evangelistas. No terceiro capítulo, destacam-se as relações entre as narrativas, marcando o divino dos evangelhos canônicos e o humano do romance.

PALAVRAS-CHAVE: Evangelho; Jesus Cristo; representação; humanidade; Saramago.

ABSTRACT

This paper was based on a study on the canonical gospels of Matthew, Mark, Luke and John, as well as on the novel *The Gospel According to Jesus Christ*, by José Saramago. The first chapter examines the representation of Jesus in the gospels of St. Matthew, St. Mark, St. Luke and St. John. In the second chapter, the novel is the object of analysis. It brings attention to the passages that characterize the humanity of Jesus depicted by Saramago, which differ from the myth represented by the evangelists. And in the third chapter, we highlight the relationship between the narratives, featuring the divine in the canonical gospels and the human in the novel.

KEYWORDS: Gospel; Jesus Christ; representation; humanity; Saramago.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1	
A REPRESENTAÇÃO DE JESUS CRISTO NOS EVANGELHOS CANÔNICOS.....	7
CAPÍTULO 2	
A REPRESENTAÇÃO DE JESUS NO EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO DE JOSÉ SARAMAGO	34
CAPÍTULO 3	
COTEJO ENTRE O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO E OS EVANGELHOS CANÔNICOS	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

INTRODUÇÃO

José Saramago, um dos grandes nomes da Literatura Portuguesa, vencedor do Prêmio Nobel da Literatura em 1998, tem vasta produção literária. Em alguns de seus romances reconta de uma forma inovadora a História de Portugal. Em outros, assume perspectiva polêmica. Uma das obras mais discutidas é o *Evangelho segundo Jesus Cristo*, publicado em 1991, que retoma a trajetória do Filho de Deus na terra.

Este romance é o objeto de estudo deste trabalho. Pretende-se destacar o modo como Jesus, personagem ímpar da cultura cristã, é representado na obra literária. A inovação do texto consiste em desmitificar o filho de Deus, apresentando-o como um homem igual aos outros. O autor não nega a divindade do personagem, mas prioriza suas características humanas, em oposição ao mito representado pelos evangelistas canônicos. O objetivo do trabalho é mostrar a valorização do homem e da vida apresentada por Saramago.

No primeiro capítulo, apresenta-se a análise dos quatro evangelhos canônicos que serviram de intertexto para a pesquisa da obra literária. Os evangelistas contam a história do divino, priorizando a vida missionária de Jesus. Num primeiro momento, pretende-se apontar o destaque que cada um dos evangelistas dá para as experiências míticas de Jesus em sua passagem pela Terra. Logo após apontam-se as semelhanças e diferenças dos livros, marcando a representação do protagonista.

No segundo capítulo, estuda-se a representação humana que Saramago faz de Cristo em seu romance. Na análise da obra, são destacadas as passagens nas quais o autor apresenta as forças da natureza, os sentimentos e conflitos do personagem, caracterizando sua humanidade. Logo em seguida, no terceiro capítulo, é apresentado o cotejo entre a obra literária e os evangelhos canônicos, marcando as diferenças e semelhanças.

A veracidade dos evangelhos canônicos é pouco questionada, mesmo que despertem dúvidas e estranheza. Saramago discute os textos evangélicos, expondo uma versão da história mundialmente conhecida. No trabalho, também pretende-se apresentar o questionamento das verdades absolutas difundidas pelas obras canônicas.

CAPÍTULO 1

A REPRESENTAÇÃO DE JESUS CRISTO NOS EVANGELHOS CANÔNICOS

A Bíblia Sagrada apresenta um conjunto de livros que tratam do surgimento e da existência humana na Terra. Para cada um desses livros é atribuído um autor distinto. Podemos dizer que é um grande livro que tem como objetivo narrar a história de um povo sob a perspectiva religiosa. Ela está dividida em duas grandes partes: o Antigo e o Novo Testamento. O Antigo agrupa narrativas anteriores ao nascimento de Jesus Cristo, e o Novo apresenta as narrativas a partir deste nascimento.

No Novo Testamento encontramos os quatro evangelhos, considerados canônicos, que contam a passagem de Jesus Cristo pela Terra. Os evangelhos bíblicos foram parte da pesquisa desenvolvida para este trabalho. Neste capítulo do trabalho pretendo fazer uma análise da representação de Jesus nos evangelhos de São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João.

1.1- Evangelho segundo São Mateus

O primeiro livro do Novo Testamento é composto por 28 capítulos que narram a vida de Jesus desde sua concepção até sua ressurreição. O evangelista Mateus apresenta Jesus Cristo como um salvador, o Messias anunciado por profetas do Antigo Testamento. O livro é doutrinário, apresentando discursos que estabelecem regras de comportamento para os homens. O evangelho é subdividido em períodos da vida do protagonista: Infância de Jesus, Preliminares e Exórdios da Missão de Jesus, O Ministério de Jesus na Galileia, As Parábolas do Reino, O Ministério de Jesus na Judeia e a Paixão de Jesus, além do Prólogo que apresenta a genealogia de Jesus.

Na parte relativa à infância de Jesus, o autor apresenta os pais de Jesus, José e Maria, um casal morador de Nazaré que, apesar de casados, ainda não se relacionaram sexualmente. Mesmo assim, Maria engravida: *“Eis como nasceu Jesus Cristo: Maria, sua mãe, estava desposada com José. Antes de coabitarem, aconteceu que ela concebeu por obra do Espírito*

Santo” (1, 18) ¹. José, que na sua intimidade estava descontente, aceita a situação após um anjo anunciar que sua mulher está gerando o filho de Deus. Aqui o evangelista já aponta a divindade de Jesus, que aparece como um ser mítico não sujeito aos acontecimentos humanos naturais. Após o período de gestação Jesus nasce em Belém, onde seus pais participavam de um recenseamento. É em Belém que José recebe a ordem de um anjo para partir com o filho para o Egito, pois o menino está em perigo. O autor faz outras referências ao nascimento de Jesus como a chegada do novo rei dos Judeus e de um salvador. Estes anúncios circulam em Jerusalém e incomodam o rei Herodes que determina a morte de todos os meninos nascidos em Belém com menos de dois anos. Foi deste perigo que José, obedecendo ao anjo, salvou o menino Jesus.

Com a morte de Herodes, seguindo nova orientação do anjo, José retorna para Nazaré com a família. Na narrativa da infância aparecem a concepção milagrosa, o nascimento, a visita dos magos e a salvação de morte precoce. Jesus sempre que referido está cercado de notoriedade, um ser anunciado, esperado e temido. José e Maria são personagens de pouca importância. José aparece como um homem religioso, obediente às ordens de um anjo que conversa com ele por meio de sonhos. E Maria aparece como a mulher responsável por trazer ao mundo o filho de Deus, a única ação dela é estar com o filho no colo no momento da visita dos magos do oriente. Não aparecem relações de afeto entre os pais e o menino.

Após o retorno para Nazaré, é possível observar uma lacuna na narrativa sobre a vida de Jesus. O evangelista não apresenta as vivências de Jesus, o seu crescimento, o seu aprendizado, a sua formação religiosa, as suas relações familiares, os seus amigos. É como se esta parte da sua vida não tivesse importância para o desenvolvimento do personagem. Em contradição ao título deste conjunto de episódios, o autor não apresenta acontecimentos da infância de Jesus.

Na parte seguinte, aparece João Batista, o homem que realiza discursos e ações de preparação para o ministério de Jesus. Ele é um profeta que batiza o povo nas águas do Jordão e propaga a vinda de outro mais poderoso. Anuncia acontecimentos conforme profecias de Isaías², do Antigo Testamento. Assim como em outras passagens, as ações que envolvem o protagonista estão sempre a confirmar as escrituras sagradas dos judeus, a maioria destas profecias sendo atribuída ao profeta Isaías. Jesus reaparece na narrativa já adulto. Como as

¹ As citações bíblicas serão identificadas apontando capítulo e versículo como aparecem no texto evangélico.

² Profeta que viveu entre 760 e 781 a.C, a quem é atribuída a autoria de um dos livros do Antigo Testamento.

demais pessoas, é batizado por João Batista. Após o batismo, Jesus é sujeito de um milagre, como podemos observar nesta ação: *“Eis que os céus se abriram e viu descer sobre ele, em forma de pomba, o Espírito de Deus. E do céu baixou uma voz: ‘Eis meu filho muito amado em quem ponho minha afeição’* (3, 16-17). Nestas passagens, podemos observar a determinação do autor em demonstrar a importância de Jesus, em convencer os leitores que este é mesmo o filho de Deus. Deseja demonstrar a origem sagrada e mítica do personagem.

A partir daqui, conhecemos de fato o personagem principal. Jesus aparece como um ser diferenciado que peregrinará pelas localidades da Galileia e da Judeia ensinando, curando e profetizando. Podemos observar, ao longo do Evangelho, que Mateus apresenta um Jesus que conhece o seu destino, acredita ser o enviado por Deus, aquele que veio ao mundo com uma missão, uma tarefa aceita sem questionamentos. O autor deixa claro que Jesus age segundo a vontade de Deus, pois não há registros de suas reflexões pessoais.

Após o batizado, Jesus inicia sua missão. No deserto, onde passa quarenta dias sem sentir fome, caracterizando sua origem mítica, Jesus tem um encontro com Satanás. Este aparece como a figura do mal, com poderes como o de transportar Jesus aos lugares nos quais quer submetê-lo a desafios. Jesus, conhecedor de sua origem e função na terra, rejeita as propostas do demônio, afirmando ser um servo de Deus, representado pelo evangelista como a figura do bem. Após este período, Jesus começa a ensinar nas sinagogas por onde passa, e a realizar curas, logo sua fama se espalha e ele passa a ter seguidores. Seus primeiros apóstolos aparecem, os pescadores Simão e André, logo seguidos por Tiago e João que, atendendo uma ordem de Jesus, como podemos observar na passagem *“Vinde após mim e vos farei pescadores de homens”* (4, 19), largam tudo para seguir com ele na sua peregrinação.

Jesus aparece como um líder, agrega multidões ao seu redor para ouvir seus sermões e solicitar suas curas. As falas apresentadas pelo autor referem-se às escrituras antigas com algumas reformulações, mas sempre salientam a importância da obediência aos ensinamentos sagrados, do desapego material e da solidariedade. Ele também ensina a rezar. Os discursos impressionam os ouvintes. O autor apresenta Jesus como um sábio, que conhece o assunto que fala e tem autoridade para falar. Raramente é questionado, e quando é, tem respostas que deixam os outros perplexos, por vezes até calados. As falas de Jesus aparecem no texto como uma verdade absoluta. Apesar do caráter de solidariedade, igualdade e justiça dos discursos narrados no Evangelho, o personagem aparece como um ser arrogante e autoritário. Ele fala com superioridade em relação aos seus ouvintes. Jesus não pede, não convida, não chama, ele ordena seus discípulos e seguidores, como podemos observar em várias passagens: *“Não*

ajunteis para vós tesouros...” (6, 19), *“Buscai em primeiro lugar...”* (6, 33), *“Não julgueis...”* (7, 1), *“Anunciai que o reino dos céus...”* (10, 7), *“Vinde a mim...”* (11, 28), entre outras. Além de apresentar os discursos como ordens, o autor sempre reafirma na voz de Jesus uma recompensa para os seguidores de sua palavra. Por sua vez, aqueles que não aceitam esta doutrina estarão sujeitos à severa punição, como na passagem em que afirma aos discípulos o que acontecerá com aqueles que não os receberem: *“Em verdade vos digo: No dia do julgamento, haverá mais indulgência com Sodoma e Gomorra que com aquela cidade”* (10, 15). Jesus apresenta suas ideias em tom ameaçador.

Além dos sermões e parábolas doutrinárias, merece destaque a grande quantidade de milagres realizados por Jesus. Na Galileia, ele cura um leproso, o servo de um centurião, a sogra de Pedro e outros tantos enfermos. Acalma uma tempestade apenas mandando parar o vento e o mar, expulsa demônios de um homem, cura um paralítico, entre outros. Também transmite seu poder de cura aos doze discípulos escolhidos, para que propaguem a grandeza de Deus. Para convencer aqueles que não acreditam na sua origem, Jesus descreve as suas realizações. Tantos feitos, amplamente divulgados, deixam os poderosos em alerta. Jesus ocupa um espaço grande na sociedade, apresenta novas ideias, é adorado como um novo profeta. Sacerdotes e escribas, que temem a perda do poder, passam a acompanhar a trajetória de Jesus.

Na sua peregrinação, Jesus retorna a Nazaré, local onde mora sua família. As pessoas que o reconhecem como o filho do carpinteiro José não aceitam sua divindade. Ele fica incomodado com o descrédito da população e realiza poucos milagres, atribui os poucos feitos à falta de fé dos moradores. Aqui percebe-se a ausência da força milagreira de Jesus, seu poder é enfraquecido pela dúvida das pessoas. Quando ele é visto como homem, não produz feitos divino.

E ele segue sua missão em outras localidades, sempre acompanhado pelos doze apóstolos e outros devotos, e assistido por uma grande multidão. Numa única referência à existência de irmãos de Jesus, o evangelista narra uma passagem na qual ele é procurado por sua mãe e pelos irmãos. Mas o protagonista não reconhece aqueles que o procuram como parte de sua família consanguínea, e afirma diante de todos que seus irmãos e sua mãe são aqueles que estão ali ouvindo e seguindo os ensinamentos de Deus. Mateus não refere nenhum questionamento de Jesus quanto a sua origem, a sua descendência, aos seus parentes de sangue, pelo contrário, a intenção dele é confirmar a filiação divina.

Na sequência, o autor apresenta “As parábolas do Reino”. Na voz de Jesus, apresenta aos ouvintes a parábola do Semeador, do Joio, do Grão de Mostarda, do Fermento, do Tesouro, da Pedra Preciosa, da Rede e explica algumas delas. Todas as parábolas têm o objetivo de ensinar a nova doutrina, referindo a oposição entre o bem e o mal. Aqueles que seguirem os ensinamentos de Deus, que representa o bem, serão recompensados pelo reino dos céus e vida eterna. Já os que não seguirem, estarão ligados ao demônio e serão castigados pela fornalha ardente. O evangelista refere também que todos estarão sujeitos a um julgamento no fim dos tempos, os homens serão separados entre bons e maus. A responsabilidade pelo julgamento é do protagonista, que não reflete sobre as próprias atitudes e não tem dúvidas. Nas falas apresentadas, observa-se que ele está sempre na posição de juiz, apontando as falhas dos outros e o caminho a ser seguido. Aqui novamente aparece o tom ameaçador dos discursos de Jesus, a prepotência de que sua palavra seja a representação da verdade, como se outras religiões, crenças ou formas de pensar não tivessem valor. Ainda dentro deste conjunto de episódios, o autor narra a morte de João Batista, decapitado pelo desejo de vingança de Herodíades³.

O autor narra a realização de outros milagres: a multiplicação de pães, que acontece duas vezes para saciar a fome dos ouvintes, novas curas, o andar de Jesus sobre as águas e a cura da filha de uma pagã, demonstrando que Jesus não escolhe a quem curar, desde que acreditem no seu poder. As realizações de Jesus, sempre diante de um grande público, têm um caráter de espetáculo. Jesus quer plateia, quer reconhecimento, contradizendo alguns dos diálogos com seus discípulos, como na passagem “*Depois ordenou seus discípulos que não dissessem a ninguém que ele era o Cristo*” (16, 20). Neste mesmo capítulo, também é possível observar que Jesus tem algumas preferências pessoais no seu grupo de apóstolos, e Pedro é escolhido por Jesus para edificar uma igreja e receber as chaves do reino dos céus.

Além de realizar milagres e pregações, o autor também apresenta a disputa de espaço e poder entre os fariseus e Jesus. Em várias passagens, o evangelista narra Jesus e seus discípulos contrariando os costumes judeus. Por exemplo, Jesus e seus discípulos não respeitam o sábado, dia sagrado para os judeus, justifica suas ações com a afirmação de que não há dia para fazer o bem. Estas ações despertam a ira dos fariseus que já pensam em matá-lo. Eles questionam Jesus, que responde chamando-os de hipócritas, pois muitos dos que seguem as tradições cometem erros bem mais graves como matar, trair, furtar, caluniar, explorar. Aqui o autor demonstra que Jesus conhece as relações sociais daquele meio.

³ Neta de Herodes que se casou com o cunhado. A união do casal foi condenada por João Batista.

Após relatar que Jesus paga impostos, mesmo julgando que não deve pagar por ser filho de Deus, na passagem: *“Jesus diz: Os reis da terra, de quem recebem os tributos? De seus filhos ou de estrangeiros?... Os filhos então estão isentos. Mas não convém escandalizá-los.”* (17, 24-26); o autor apresenta uma nova sequência de parábolas. Estes discursos estão mais focados na crítica social, sem deixar de referir a devoção a Deus. Os ensinamentos apresentados tratam da igualdade entre os homens, pregam o perdão pelos erros cometidos, valorizam a simplicidade das crianças, defendem os diferentes e excluídos, criticam o acúmulo de bens e a riqueza. O autor apresenta discursos que transitam entre questões sociais e religiosas.

Ao chegar a Jerusalém, Jesus tem uma atitude revolucionária, expulsando os comerciantes que realizavam vendas no templo, local de oração. São narradas diversas discussões entre os sacerdotes, escribas e Jesus. Os debates ocorrem a partir de novas parábolas apresentadas por Jesus. Ele é questionado e testado. O autor apresenta Jesus como mais perspicaz e inteligente que seus oponentes. Ele ataca os fariseus, condena a exploração dos trabalhadores, a bajulação dos escribas e a hipocrisia das autoridades. Pode-se classificar o discurso de Jesus como político. Além do líder que apresenta novas ideias, mais coerentes com os desejos do povo, ele é um profeta que cura e apresenta-se como o Messias, o salvador. Jesus ganha espaço político e religioso, atemorizando os poderosos de Jerusalém. Escribas e sacerdotes articulam sua prisão e morte, e passam a procurá-lo.

Há uma questão sobre Jesus que ainda não foi abordada nesta análise, ele tem um poder especial, o de prever acontecimentos futuros. O narrador já apontou as previsões que ele faz da sua morte e ressurreição, e do fim dos tempos. A mais notória previsão que Jesus faz são as desgraças que sucederão no mundo por sua causa. Numa conversa com seus discípulos ele prevê muitos acontecimentos trágicos, como na passagem: *“Levantar-se-á nação contra nação, reino contra reino, e haverá fome, pestes e grandes desgraças em diversos lugares... matar-vos-ão e sereis por minha causa objeto de ódio para todas as nações... E ante o progresso crescente da iniquidade, a caridade de muitos se esfriará...e então chagará o fim”* (24, 4-14). Sem demonstrar nenhuma aflição com suas previsões, Jesus alertou que a Igreja seria responsável por grandes atrocidades. O Jesus aqui representado não tem sentimento de culpa. Impressiona como um livro tão antigo pode antecipar fatos que realmente aconteceram. Em função da difusão do Cristianismo aconteceram grandes guerras como As Cruzadas, grandes perseguições com o Santo Ofício e atualmente divergências extremas como as que observamos no Oriente Médio. Multidões morreram em nome de Cristo.

Após este anúncio Jesus segue apresentando aos seus discípulos parábolas que ensinam como chegar ao reino dos céus. Seus diálogos com os discípulos são sempre pedagógicos. Ele reafirma mais uma vez a separação entre os bons e os maus, os que receberão vida eterna e os que receberão castigo eterno. Está afastado do grande público, fala agora para poucos nos quais confia. O evangelista mostra aos leitores que Jesus, conhecedor do seu destino e da proximidade do seu fim, permanece mais tempo perto de seus apóstolos, num retiro que pode-se chamar de preparação para ação final. Nestas passagens pela primeira vez, o autor aponta algum sinal de fraqueza em Jesus, ele relata a tristeza e angústia do personagem. Jesus reza e pede clemência a Deus, mas isto é muito rápido, pois na mesma fala em que pede a salvação do próprio corpo, já se entrega como cumpridor da sua missão. Observa-se uma fragilidade humana diante da proximidade da morte, mas que logo é superada pela força mítica daquele que está a serviço de Deus. Além da finalidade de retiro espiritual, também pode-se pensar no Monte das Oliveiras como um local para Jesus permanecer oculto, distante da perseguição dos fariseus. O esconderijo será revelado às autoridades por Judas, que é um dos doze discípulos.

Ao chegar onde Jesus está, acompanhado por um grande grupo de escribas, servos e soldados, Judas é identificado como o traidor. Jesus reconhece a sua impotência diante do grupo de autoridades. Não é possível constatar no texto nem um sinal de medo pela parte de Jesus, ele aparece como um ser consciente do seu destino e de pacífica aceitação do seu futuro, inclusive afirma: “... *tudo isto aconteceu porque era necessário que se cumprissem as palavras dos profetas*” (26, 56). A partir daqui, seguem os relatos da paixão de Cristo, que são os episódios mais conhecidos dos evangelhos canônicos. Jesus é preso e levado até o sumo sacerdote de Jerusalém, questionado sobre sua origem, confirma ser o filho de Deus. Depois é levado até Pilatos⁴ para quem ele se apresenta como o rei dos judeus. Pilatos deixa que o povo decida o futuro do julgado. Nesta passagem, fiquei a me perguntar onde estaria a multidão de seguidores de Jesus, sempre referida por Mateus. Como um líder ou profeta adorado por grandes multidões de diversas localidades, é condenado pelo povo de uma única cidade.

É possível observar que o desfecho da história foi construído para consolidar a imagem do mito. O evangelista mostra um Jesus corajoso, obediente, coerente, sem medo de cumprir o seu papel na história. Mesmo preso, Jesus continua firme nas suas falas, reafirma ser o filho de Deus e o Rei dos Judeus como fizera em vida, desafia o poder dos sacerdotes e escribas fariseus, não pede clemência aos homens. Ele é humilhado, submetido a maus tratos dos

⁴ Governador da Judeia.

soldados, coroados de espinhos, desafiado a salvar-se, tendo em vista ser o filho de Deus, e crucificado entre outros dois condenados.

Enquanto ocorre a crucificação, o autor relata fenômenos naturais, como tremor da terra e escuridão nos céus em pleno meio dia, que servem para confirmar a divindade de Jesus. Numa pequena passagem do evangelho, aparece mais um momento de fraqueza de Jesus: antes de desfalecer, pergunta a Deus por que foi abandonado.

A crucificação de Jesus é um novo espetáculo, desde sua condenação muitas pessoas acompanham o desenvolvimento das ações. O autor refere alguns sentindo piedade e querendo ajudar, outros debochando e agredindo Jesus, no momento da morte alguns sentem medo devido aos fenômenos naturais. As pessoas da plateia identificadas pelo autor são duas mulheres. Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago e José, que acredito ser a mãe de Jesus. E são estas duas mulheres que recebem o mítico anúncio da ressurreição e a aparição do próprio Jesus. Pode-se perceber ao longo deste evangelho que as mulheres são figuras de pouca importância na narrativa, aparecendo minimamente. As relações de Jesus que são pontuadas estão de acordo com o contexto machista da época, elas acontecem somente com homens, principalmente com seus discípulos. Mas, acredito que estas mulheres identificadas e escolhidas para a cena final tiveram importância na vida de Jesus.

Mateus escreveu o Evangelho enfatizando a obediência e a preservação dos ensinamentos cristãos. O evangelista narrou a passagem de Jesus pela terra confirmando as profecias sagradas. Seu texto apresenta muitas citações sustentando a ideia do personagem como o Messias anunciado. Jesus é a representação do mito, desde o início, com sua concepção milagrosa, depois com seus poderes extraordinários e finalmente com sua morte e ressurreição.

1.2- Evangelho segundo São Marcos

O segundo evangelho é composto de 16 capítulos, sem subdivisões específicas de etapas da vida de Jesus. A subdivisão dos capítulos é feita somente pelos episódios narrados. Marcos não relata a concepção, nascimento e infância de Jesus. O evangelista narra a missão de Jesus desde o seu batismo até sua ascensão ao céu. No decorrer da obra, podemos constatar traços humanos em Jesus.

O primeiro episódio narrado pelo evangelista é a pregação de João Batista. Na Judeia, João Batista prega a conversão dos ouvintes, batiza pessoas nas águas do Jordão e anuncia a

vinda de um profeta mais poderoso que ele. O autor apresenta João Batista como um homem do povo, de hábitos simples que acredita nas profecias sagradas. Assim que João Batista é apresentado, conhecemos o personagem de estudo: Jesus. Como acontece no Evangelho de Mateus, ao ser batizado por João Batista, Jesus é sujeito de um milagre ao ser anunciado por uma voz celestial como *“Filho muito amado”* (1, 11). O evangelista apresenta o retiro de quarenta dias de Jesus no deserto, menciona a tentação do demônio. As narrativas deste evangelista são mais diretas, sem muitos detalhes, sem a descrição dos discursos e citações do Antigo Testamento.

A prisão de João Batista marca o início da vida missionária de Jesus. Ele parte em direção a Galileia pregando uma nova doutrina. Nas suas primeiras peregrinações, encontra os pescadores Simão, André, Tiago e João que passam a segui-lo. Os homens largam tudo, o trabalho, a família para acompanhar Jesus. Marcos não privilegia os discursos de Jesus, há uma predominância de ações na narrativa. É possível observar também um Jesus mais acessível, que oportuniza as falas de outros personagens, aceita a sabedoria simples do povo, conversa num tom mais amigável, reconhece o sofrimento dos enfermos. O autor aponta falas nas quais ele convida os seus discípulos em vez de dar ordens, como podemos observar em *“Vamos às aldeias e cidades...”* (1, 38). O Jesus apresentado por Marcos está mais próximo do homem, não é arrogante, nem autoritário, tem a capacidade de ouvir o que os outros têm a dizer, pergunta o que pensam a seu respeito, ouve os questionamentos das pessoas sobre suas atitudes e hábitos. Assim, perguntando e respondendo, Jesus repassa sua mensagem. Pode-se dizer que ele transmite o seu recado, mas de uma forma mais simples, dialogando com seus ouvintes.

Jesus passa a ensinar nas sinagogas, maravilhando seus ouvintes. Na primeira descrição de milagre, Jesus exorciza um homem e é reconhecido pelo demônio expulso. O autor descreve Jesus como um ser diferenciado, com poderes incompreensíveis aos humanos, chegando a afirmar em nota de rodapé: *“porque Jesus pertencia ao mundo sobrenatural que os demônios podem conhecer melhor que os humanos”* (1, 34). Este evangelista apresenta Jesus como conhecedor de seu destino, da sua missão, mas prefere manter isto em segredo, ao menos por enquanto. Marcos não informa as origens terrenas de Jesus, o nazareno aparece na obra adulto e cheio de poderes e sabedoria.

Jesus segue na sua jornada, realiza muitas curas, dentre elas a cura da sogra de Simão, de um leproso e de um paralítico, expulsa muitos demônios, sempre afirmando que não quer a divulgação dos feitos. Isto é difícil, pois as pessoas maravilhadas com seus milagres divulgam

o surgimento de um novo profeta. Por alguns momentos, Jesus afasta-se das cidades para distanciar-se do grande número de seguidores e também para rezar. Este ser revelado pelo autor como do mundo sobrenatural, precisa estar sozinho, pensar e de um pouco de privacidade. Apesar de não referir os pensamentos ou sentimentos, o desejo de estar só pode ser visto como um traço humano deste Jesus. Quando se afasta dos povoados, logo é procurado para realizar curas, atende as pessoas e segue sua peregrinação. Jesus atende ao chamado de Deus, que determinou sua missão, e ao chamado do povo, que quer sua ajuda. Ele já é famoso nas redondezas da Galileia e Judeia, incomodando escribas e sacerdotes. Discursa pregando o perdão dos pecados e é criticado pelos escribas, que julgam o poder do perdão uma exclusividade de Deus. Para confirmar a sua autoridade, Jesus usa um de seus milagres: “... para que conheçais o poder concedido ao filho do homem sobre a terra... eu te ordeno, levanta-te... no mesmo instante ele levantou...” (2, 10). Aqui pode-se observar uma contradição do autor, o Jesus que repetidamente pede segredo sobre sua identidade, apresenta-se ao público como o filho de Deus. Contudo, segredo nunca houve, pois Jesus sempre realiza suas curas e seus discursos diante de um grande público, mas aqui o autor o apresenta como detentor de grande poder.

Jesus prefere estar no meio do povo, busca os seus discípulos entre os trabalhadores, entre os mais simples. Não escolhe a quem falar e com quem se reunir. Isto afronta os escribas, que se incomodam quando Jesus faz suas refeições junto aos publicanos⁵. Ele também não segue o costume dos judeus de guardar o dia de sábado. Ao ser questionado, justifica suas ações alegando que sábado também é dia para comer e fazer o bem. Jesus demonstra ser de origem popular, apesar de sua infância não ser referida, ele conhece os problemas das localidades e os conflitos sociais.

A identidade de Jesus é amplamente discutida pelos poderosos, os mais humildes aparecem como aqueles que acreditam nos poderes de Jesus, sem questionamentos e ainda colaboram na divulgação de seus ensinamentos. Jesus anuncia uma nova doutrina, que o autor refere como evangelho. Numa de suas pregações, Jesus é informado que sua mãe e irmãos procuram por ele, esta é a primeira referência do evangelista sobre a origem terrena de Jesus. Mas logo reafirma a origem divina de Jesus, ao relatar sua resposta, afirmando que sua família é aquela que segue a vontade de Deus. Ele não se considera humano, não valoriza a família, prefere se apresentar como o filho de Deus, que deve atender a todos sem distinções ou preferências.

⁵ Coletores de impostos romanos que não se relacionavam bem com os judeus.

O autor apresenta Jesus ensinando através de um conjunto de parábolas, onde aparecem as do semeador, da lâmpada e do grão de mostarda, que tratam da divulgação da palavra de Deus. Após falar ao público, Jesus explica detalhadamente as histórias aos seus discípulos que serão os multiplicadores das ideias, ele está empenhado em divulgar a nova doutrina. Em seguida, aparece uma sequência de milagres: a tempestade apaziguada, a expulsão da legião de demônios de um homem, a cura de uma mulher do povo, da filha de Jairo, relatados para confirmar os poderes sobrenaturais de Jesus. Ao chegar a Nazaré, sua pátria, Jesus é desacreditado pelos moradores, por ser simplesmente o filho de Maria e do carpinteiro. Realizou poucas curas, afirmando antes de sair de lá que *“um profeta só é desprezado em sua pátria, entre os seus parentes e na sua própria casa”* (6, 4). O autor revela o desconforto de Jesus ao ser desprezado na sua terra natal. Ele se incomoda com a falta de fé dos moradores, mas não refere nenhuma relação familiar. José e Maria não aparecem neste evangelho, somente são referidos em pequenas passagens como estas. Jesus é um missionário sem família e sem origem na terra.

Após a narração deste episódio, Jesus transmite seu poder de curar e expulsar demônios aos doze discípulos e ordena que eles partam para divulgar o evangelho e realizar milagres. Todas as enfermidades apresentadas estão diretamente relacionadas à existência de demônios. Aqui novamente podemos observar o esforço de Jesus em divulgar seus poderes e a palavra de Deus. Com a ação dos discípulos, as suas ideias e o poder da cura serão divulgadas em diversos lugares ao mesmo tempo.

Este evangelista também narra a morte de João Batista. Como no evangelho de Mateus, João Batista é decapitado para atender um desejo de vingança de Herodíades. Na sequência dos episódios o narrador relata a realização de outros milagres, como a multiplicação de pães e peixes, a expulsão do demônio do corpo da filha de uma pagã, confirmando também que Jesus não escolhe pessoas para receberem suas graças. Cada pessoa que ele encontra e pede sua ajuda, desde que demonstre ter fé, é atendida. Este evangelista apresenta Jesus bem próximo do povo, dos humildes, dos excluídos. Ele é bondoso com seus seguidores, preocupa-se se têm fome e auxilia aqueles que pedem. Este Jesus divulga a palavra de Deus para a população, sem dar muita atenção aos escribas e sacerdotes. Os diálogos que aparecem até aqui entre Jesus e estes homens, são provocados por eles. Jesus é aquele que responde, sempre bem posicionado, aos questionamentos deles. Aparece ainda o relato de outras curas, a segunda multiplicação de pães e outras expulsões de demônios. Jesus é um peregrino milagreiro.

Jesus é curioso, quer saber o que falam a seu respeito, pergunta aos discípulos quem os homens acreditam que ele seja. Neste diálogo, Pedro o aponta como Cristo, mais uma vez ele pede segredo sobre sua identidade. Numa conversa com os discípulos, Jesus, prevendo o futuro, anuncia sua morte e ressurreição. Além de milagreiro, é um profeta. O autor refere uma ordem de Jesus: *“Se alguém me quer seguir, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me”* (8, 34), demonstrando que ele é exigente com seus discípulos. Logo depois, Jesus é o sujeito do milagre da transfiguração, onde uma voz celestial o anuncia como filho muito amado. Jesus, um ser extraordinário, executa e é sujeito de milagres.

O autor apresenta vários discursos de Jesus, abordando regras de conduta social. Jesus defende a igualdade, discursa contra a inveja, defende o casamento como indissolúvel, valoriza a simplicidade e inocência das crianças, alerta para a inutilidade do acúmulo de bens materiais e da riqueza. Apresenta o desapego material como a salvação do homem. Jesus afirma em suas falas que aqueles que seguirem seus ensinamentos serão recompensados pela vida eterna. Este evangelista também apresenta a ideia do merecimento, da reação resultante de uma primeira ação. Como acontece em Mateus, o Jesus apresentado por Marcos também promete recompensas aos seus seguidores.

No caminho a Jerusalém, Jesus amaldiçoa uma figueira, que seca instantaneamente. Ao chegar, Jesus chama atenção, protagoniza um espetáculo. No templo, ele e os discípulos expulsam os comerciantes, revoltando as autoridades locais. Jesus justifica sua ação, afirmando que a sinagoga é um local de estudos e orações. Os escribas e sacerdotes passam a questioná-lo sobre a origem da sua autoridade, o pagamento de impostos, a ressurreição e o grande mandamento de Deus. Jesus é testado, as autoridades procuram por uma falha, um erro nas respostas, mas ele sempre responde corretamente e ainda critica a hipocrisia dos fariseus. Jesus é sábio e conhece as escrituras sagradas, mas não há referência a estudos, este deve ser mais um poder excepcional. Percebe-se aqui um forte conflito de costumes e de ideias, entre Jesus e os fariseus. Os escribas e sacerdotes estão preocupados com a perda do poder, Jesus é aceito e seguido pela maioria da população, que já olha para ele como um profeta. A discussão entre eles é ideológica e política.

Logo depois, no Monte das Oliveiras, Jesus anuncia as desgraças que acontecerão em nome do cristianismo. Ele alerta sobre guerras, terremotos, fome, epidemias. Fala ainda: *“Isto será o princípio das dores. Cuidai de vós mesmos, sereis arrastados diante de tribunais açoitados nas sinagogas... por minha causa... Mas primeiro é necessário que o evangelho seja pregado a todas as nações”* (13, 8-10). Anuncia também o retorno do Filho do homem.

Aqui o autor reafirma o poder de Jesus de prever acontecimentos futuros, e não refere nenhum sentimento de culpa pela responsabilidade das desgraças.

O evangelista informa que, enquanto Jesus está afastado, os sacerdotes e escribas fariseus planejam a sua prisão e morte. Jesus e os fariseus pensam ao mesmo tempo na morte do primeiro. Jesus pensa na sua morte como parte de sua missão. Ele acredita que sua morte auxiliará na propagação dos evangelhos e que veio à Terra com o objetivo apresentar a nova doutrina. Já os fariseus pensam na morte de Jesus como uma forma de eliminar um problema, acabar com a ameaça ao poder estabelecido. Pretendem acabar com ele fisicamente e ainda desmoralizá-lo diante do público, tentando convencê-los de que Deus não deixaria seu filho morrer crucificado.

Marcos apresenta alguns sentimentos de Jesus, como podemos observar no seguinte episódio: numa visita a um leproso em Betânia⁶, uma mulher derrama bálsamo sobre a cabeça dele. Este gesto deixa Jesus lisonjeado. O Jesus apresentado por Marcos tem alguns traços humanos, ele tem uma relação de parceria com o povo, parece ter uma relação de amizade com seus discípulos, não é ameaçador, nem prepotente, dialoga com as pessoas que cruzam o seu caminho, e mesmo conhecendo o seu destino, teme a morte. Marcos refere um Jesus que sente como pode-se observar nas passagens: “*Jesus indignou-se...*” (10, 14), “*Jesus amou-o...*” (10,21), “*Jesus teve fome*” (11,12).

O autor apresenta a sequência de fatos referentes à paixão e ressurreição de Cristo. Relata a traição de Judas, a ceia com os apóstolos, as previsões de Jesus sobre a traição de um apóstolo e a negação de Pedro. Jesus sofre, por um momento pede que Deus retarde sua hora, mas logo afirma que está ali para cumprir a vontade Dele. Preso, é levado até o sumo sacerdote, ouve várias acusações, permanece calado, somente responde afirmativamente, quando perguntado se é o filho de Deus. Enquanto está diante de Pilatos, o povo, instigado pelos sacerdotes, escolhe libertar Barrabás. Os sofrimentos são os mesmos relatados em Mateus. Já na cruz, diz: “*Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste?*” (15, 34). Jesus permanece firme em relação ao que falou em toda sua missão, responde o necessário, não pede clemência. No momento da morte, o autor narra acontecimentos extraordinários que confirmam a divindade de Jesus. São identificadas na plateia deste episódio Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e José, e Salomé, mulheres que recebem o anúncio da ressurreição pelo anjo, amedrontadas fogem, e não divulgam o fato. Além destas, o evangelista também apresenta Maria de Magdala, aquela da qual Jesus expulsou sete demônios e foi escolhida

⁶ Antiga aldeia de Israel localizada entre Jerusalém e o Monte das Oliveiras.

para a primeira aparição mítica. Jesus ainda reaparece para os discípulos, ordenando a divulgação do Evangelho e depois sobe ao céu.

O evangelho de Marcos é o mais curto dos quatro. O autor apresenta a vida missionária de Jesus, que conhece a sua origem e vive de uma forma simples pregando a palavra de Deus. Ele qualifica o protagonista, na maioria das vezes, como o Filho do homem. Os relatos são realistas, e o personagem possui traços humanos e sobrenaturais. O evangelista apresenta algumas contradições, em alguns momentos quer segredo da identidade de Jesus, em outros quer divulgação. Assim como os demais evangelistas, Marcos quer o reconhecimento da divindade de Jesus e finaliza sua história com um acontecimento extraordinário para solidificar a ideia do mito.

1.3- Evangelho segundo São Lucas

O terceiro livro é composto de 24 capítulos, subdividido nas partes intituladas Prólogo, Nascimento e Vida Oculta de Jesus, Preparação para a Vida Pública de Jesus, Ministério de Jesus na Galileia, A Viagem de Jesus a Jerusalém e Os Últimos dias de Jesus em Jerusalém. No prólogo, o autor conta que escreveu a partir de estudos e pesquisas. No restante da obra, narra por etapas, a passagem de Jesus pela Terra, destacando os fatos acontecidos em Jerusalém. Ele qualifica Jesus como o Filho do Homem.

O primeiro episódio anuncia o nascimento de João Batista, filho de Zacarias e Isabel. Casados, já velhos, a mulher é estéril. Mas, por uma escolha de Deus ela dará a luz a um menino. O anúncio é feito ao pai, através de um anjo. O homem duvida, pois o acontecimento contraria as leis da natureza. Diante da dúvida de Zacarias, o anjo determina que ele fique mudo até o dia da confirmação do anúncio. A gravidez acontece. Esta passagem sinaliza o poder de Deus, que possibilita a gravidez de uma estéril, e o seu caráter punitivo, que castiga aquele que duvida dos seus feitos.

Depois da gravidez de Isabel, o mesmo anjo anuncia à Maria sua gestação. Maria, que mesmo casada com José permanece virgem, pergunta como isso acontecerá sem a relação sexual. O anjo responde: *“O Espírito Santo descera sobre ti, e a força do Altíssimo cobrir-te-á com a sua sombra. Por isso o santo filho que nascer de ti será chamado de Filho de Deus.”* (1, 35). Maria não questiona mais, e coloca-se a disposição, como uma serva do Senhor. Os acontecimentos contrariam a natureza, mas Deus é um ser poderoso que realiza milagres, valoriza aqueles que aceitam suas vontades, e castiga os que duvidam. Maria é obediente a

Deus, mas se é ao seu marido, não podemos saber, pois José nem aparece na narrativa, somente é referido. Ao visitar Isabel, Maria é saudada como bendita. As duas mulheres pensam que foram escolhidas por Deus. Este evangelista é o primeiro a destacar a presença de mulheres nos seus relatos, elas são personagens ativas, participam dos acontecimentos.

João Batista nasce, seus pais seguem os costumes religiosos, e Zacarias volta a falar. O casal se enche de fé. Os acontecimentos são referidos como obra de Deus, aquele que tudo pode. Jesus também nasce em Belém, onde seus pais participavam de um recenseamento. Pastores recebem o anúncio de um anjo sobre o nascimento do Salvador. Saem à procura, e encontram Jesus e os pais na gruta onde nasceu. José e Maria seguem os costumes judeus, ao apresentarem o menino no templo, ficam admirados com o que se fala a respeito da criança. O surgimento de Jesus é cercado de fatos milagrosos: a sua concepção, os anúncios dos anjos, os comentários sobre seu destino. Ele é um ser iluminado que irá crescer “*cheio de sabedoria e da graça de Deus*” (2, 40). O autor aponta marcas da divindade do personagem.

Lucas apresenta uma passagem da adolescência de Jesus. Quando tem doze anos, vai com os pais comemorar a Páscoa em Jerusalém e fica lá. Procurado por José e Maria, é encontrado no templo, discutindo com doutores e escribas sobre religião. É sábio, desperta a admiração daqueles que o escutam. Ao ser questionado pela mãe sobre o seu comportamento, responde que se ocupava das coisas do Pai. Jesus já conhece sua origem e sua missão. Além disso, observa-se a importância de Maria, é ela que participa da ação, José é, outra vez, somente citado.

Depois de algumas referências históricas, o autor descreve o reaparecimento de João Batista. “*João Batista percorria toda a região do Jordão, pregando o batismo do arrependimento, para remissão dos pecados*” (3, 3). Nas pregações, João anuncia uma nova doutrina, batiza as pessoas na água e fala da vinda de outro profeta, mais poderoso, que batizará em nome do Espírito Santo. Jesus é batizado por João Batista, sujeito ao mesmo milagre referido nos evangelhos de Mateus e Marcos. O protagonista sempre vivencia experiências míticas e divinas.

É o único evangelista que refere a idade de Jesus, informando que ao iniciar sua missão ele tinha trinta anos. Apresenta também a genealogia de Jesus, descrevendo as origens familiares de José, aquele que era ‘tido’ como seu pai. Lucas narra o retiro de quarenta dias de Jesus no deserto e as tentações do demônio. O autor reforça a divindade de Jesus, que não sente fome por quarenta dias e conhece sua missão na Terra.

Jesus inicia sua missão. Quando aparece, já é conhecido, famoso por seus discursos nas sinagogas. Ao chegar a Nazaré, cidade onde cresceu e apresentar-se como um profeta, é desafiado a realizar milagres. A forma como Jesus responde ao público gera revolta, é expulso da cidade. O autor não relata as ações que trouxeram fama a Jesus, apresenta-o como um ser conhecido. Mas, aqueles que conviveram com ele no passado, não acreditam na sua divindade. Seguem relatos da peregrinação, em diversas localidades, Jesus divulga a palavra de Deus.

Aparece uma longa sequência de milagres: a cura do possesso, da sogra de Pedro, do leproso, do paralítico e muitos outros enfermos. Impressiona a religiosidade do meio, as doenças são explicadas como presença do demônio, e a cura como o poder exorcista de Jesus. Entre tantos milagres, este evangelista apresenta um novo. Diante dos pescadores Simão, André, Tiago e João, Jesus aponta o local ideal para uma pesca produtiva. Admirados, eles largam tudo para acompanhar este homem milagroso. O nazareno continua sua caminhada curando e profetizando, seguido por multidões. Entre estes seguidores, Jesus escolhe os doze apóstolos, que são nominados pelo autor. Os dons e poderes do personagem são reafirmados e destacados.

Jesus foi criado numa família que seguia os costumes judeus, mas ele desrespeita a tradição deste povo, despertando a revolta deles. Ele age no dia sagrado, não orienta os discípulos a lavarem as mãos antes das refeições, não faz jejum, come junto dos publicanos e gente considerada de má vida. Estas ações resultam em discussões entre Jesus e os fariseus. Ao ser questionado, falando como uma autoridade, Jesus critica aqueles que seguem os costumes, mas não agem de acordo com os ensinamentos de Deus. Afirma que o seu papel é converter os pecadores, por isso, se aproxima de todos. Diz que não há dia específico para saciar a fome e fazer o bem.

Ao ouvir falar de Jesus, João Batista quer saber quem ele é. Ao responder, Jesus manda que os mensageiros contem a João Batista todos os seus feitos. Jesus, consciente da sua origem, usa suas ações para comprovar sua identidade. São essas novas marcas do seu comportamento arrogante.

Na sequência, Lucas narra o discurso na montanha, apresentando a ideologia da nova doutrina. Jesus prevê, no reino dos céus, a fartura para os pobres e necessitados e a penúria para os ricos e exploradores. Prega o perdão, como na passagem *“ao que te ferir numa face ofereça-lhe também a outra”* (6, 29). Incentiva a prática do bem sem a espera da recompensa, da misericórdia, usando Deus como exemplo. Aqui constatei uma contradição do autor, ele

aponta Deus como benevolente e misericordioso, mas este mesmo Deus não entende as falhas humanas e não perdoa a crença em outra religião. Jesus, como representante de Deus, condena a falsidade, prega o perdão e a misericórdia, prometendo recompensa aos seguidores da sua palavra e castigo aos não seguidores. Há um traço de hipocrisia neste discurso.

O evangelista quer mostrar um Jesus bom, justo, preocupado com os pobres, as mulheres, os aflitos e os marginalizados. Ele não escolhe seu público, fala a todos que estiverem dispostos a escutá-lo. Mas esta preocupação e bondade são direcionadas somente àqueles que acreditam e seguem seus ensinamentos.

Neste Evangelho aparece uma preocupação de Jesus com as mulheres, elas participam da sua trajetória. Além da sua mãe Maria, que tem um papel importante na narrativa, muitas outras são referidas e algumas até envolvidas diretamente nas ações de Jesus. O evangelista apresenta mulheres como seguidoras de Jesus, entre elas está Maria Madalena, da qual Jesus expulsou sete demônios e passou a segui-lo. Afirma em nota de rodapé que esta também pode ser a pecadora que lavou os seus pés. Jesus aceita diversas pessoas em seu grupo, não faz distinção de sexo, classe social, religião, origem. Para estar junto dele, basta acreditar na sua palavra.

Assim como nos outros dois evangelhos, Jesus é procurado pela mãe e os irmãos, parentes de sangue, mostra indiferença, valorizando como família aqueles que o acompanham na sua peregrinação ouvindo seus ensinamentos.

O autor apresenta uma nova sequência de milagres: a tempestade acalmada com a simples ordem de Jesus, a expulsão de uma legião de demônios, a multiplicação de pães, a ressurreição do filho de uma viúva, a cura de uma mulher do povo e da filha do chefe da sinagoga, confirmando que ele atende a todos, independente da classe social. Além de realizar os milagres, Jesus transmite este poder aos apóstolos, aumentando a divulgação das suas ideias. Ordena que eles partam para evangelizar e curar sem receber nada em troca, além do necessário para sobrevivência.

Jesus é reconhecido por Pedro como o Filho de Deus. Neste diálogo, anuncia que passará por muitos sofrimentos, será rejeitado pelas autoridades, condenado a morte e ressuscitará. Informa que os acontecimentos fazem parte de sua missão na terra, antes de ser reconhecido por todos como o filho de Deus. Exigente com os discípulos, informa que eles devem sacrificar a própria vida em seu nome, mas isto será recompensado. Num momento de oração, Jesus é sujeito do milagre da transfiguração, relatado nos textos anteriores. Jesus cura um menino que seus apóstolos não conseguiram, apontando que o seu poder é maior, supera

até o demônio. Ele é o representante de Deus. O importante não é que as pessoas acreditem na pessoa dele, mas na mensagem que ele transmite. O evangelista está preocupado em divulgar uma nova doutrina, uma nova religião.

No percurso a Jerusalém, Jesus apresenta novas parábolas como a do Samaritano, a do homem rico, das vãs preocupações. As parábolas apresentam críticas ao egoísmo e à riqueza, e ordenam ações que resultem na vida eterna, a maior recompensa de Deus. Jesus fala ao grande público e depois explica detalhadamente os ensinamentos aos seus apóstolos. O merecimento é uma questão muito forte neste evangelho. Ao encerrar cada um de seus discursos Jesus promete a recompensa ou o castigo, como resultado de cada ação dos homens. O poder do julgamento é de Deus, um ser onipotente e onipresente, que vê e sabe tudo. Lucas prioriza o nome Deus.

Novamente o autor apresenta mulheres, ao passar por Betânia, Jesus visita as irmãs Marta e Maria. Valoriza a ação de Maria, que ouve atentamente seus ensinamentos. Não está preocupado em ser bajulado, seu maior interesse é divulgar a palavra de Deus. Logo depois, o autor destaca a importância da oração e descreve o Pai Nosso, que Jesus ensina aos seus discípulos.

Uma nova cura provoca discussão entre Jesus e os poderosos. Os fariseus duvidam da origem divina e condenam o comportamento Jesus. Este fala da hipocrisia dos que seguem os costumes, mas não praticam o bem, procuram bajulação, são soberbos. Ataca os poderosos que exploram os trabalhadores. Suas falas são ameaçadoras, começam com a expressão '*Ai, de vós*', Jesus informa os fariseus que serão castigados, pois devido aos seus atos não serão dignos do reino dos céus. O discurso é revolucionário, critica todos os costumes da época, mas não deixa de ser religioso, pois sempre acaba falando do julgamento divino.

Jesus expulsa os comerciantes do templo, deixando o local livre somente para orações. Esta ação encanta o povo e revolta os sacerdotes, que pensam em matá-lo. Os poderosos tentam surpreendê-lo em alguma fala ou gesto que resultasse na sua prisão, mas Jesus supera os questionadores com sua oratória.

Este Jesus está bem focado em condenar as práticas da sociedade, defende os trabalhadores, os pobres e os excluídos. Mas as ameaças que ele dirige aos poderosos atingem a todos os que não seguirem os seus ensinamentos. De acordo com o que já foi referido, qualquer um que não seguir a palavra de Deus será castigado. Então este Jesus também tem um lado ameaçador.

O autor relata a previsão de Jesus sobre as catástrofes que irão atingir a Terra, como nos demais evangelhos. Afirma ainda: *“estes serão os dias de castigo, para que se cumpra tudo o que está escrito”* (21, 22). Este Jesus também não sente culpa ou sofrimento de qualquer tipo com seu anúncio, pelo contrário, ele relaciona estas desgraças com a preparação para a sua volta gloriosa.

Após este anúncio, o evangelista apresenta a sequência de ações relativa à paixão e ressurreição de Jesus. Seguem os fatos relatados: a traição de Judas, que é referida neste evangelho como uma ação influenciada pelo demônio, a última ceia, a predição da negação de Pedro, a agonia de Jesus, a prisão, o julgamento diante do sumo sacerdote, de Herodes devido à origem de Jesus, de Pilatos e do povo que escolhe a sua crucificação. Após condenação, o caminho ao Calvário, as humilhações e sofrimentos, a crucificação e a morte. Este evangelista relata duas falas de Jesus: no momento da crucificação ele diz *“Pai perdoa-lhes, eles não sabem o que fazem”* (23, 34) e no momento da morte ele diz *“Pai nas tuas mãos entrego meu espírito”* (23, 46) que caracterizam a total aceitação dos acontecimentos. Jesus é enterrado conforme os costumes, diante das mulheres que o acompanhavam desde a Galileia. Estas mesmas mulheres ouvem do anjo o anúncio da ressurreição. Ele aparece aos discípulos e transmite a missão de divulgar o Evangelho a todas as nações. Logo depois sobe ao céu, marcando a sua divindade.

Lucas narra a vida e missão de Jesus, que aparece sempre como o representante de Deus. A religiosidade é forte, todos acreditam na existência do demônio e no poder de Jesus sobre ele. A fé defendida pelo evangelista contribui para construção do mito que supera as forças malignas. A preocupação dele com os pobres e excluídos também é constatada. Lucas defende a solidariedade e a oração. Assim como nos demais evangelhos, Jesus é um ser diferenciado, que vive em função da missão divina. O milagreiro tem um final extraordinário para convencer aqueles que não acreditam na sua palavra.

1.4- Evangelho segundo São João

O quarto livro é composto por 21 capítulos, subdivido em episódios. João apresenta Jesus adulto, iniciando sua missão. A maioria das falas apresentadas inicia com a expressão ‘em verdade, em verdade...’, caracterizando o objetivo de convencer os ouvintes daquilo que diz. João não apresenta crítica social. O destaque deste livro é a religião. Os discursos pretendem convencer o público da identidade do protagonista.

O primeiro episódio apresenta João Batista, um homem enviado por Deus para testemunhar sobre a vinda de Cristo. Ele é um profeta que batiza nas águas do Jordão, encontra Jesus e aponta-o como o salvador. Declara que viu o Espírito Santo pousar sobre ele, justificando a identificação. Dois discípulos de João Batista passam a seguir Jesus após o relato. Ainda não é possível conhecer Jesus, mas pelo testemunho de João Batista, alguns já acreditam na sua origem divina.

Aparece o primeiro milagre, numa festa de casamento, em Caná⁷. Alertado pela mãe sobre a falta de bebida, Jesus transforma água em vinho. O autor narra o diálogo, onde aparece a afirmação: *“Minha hora ainda não chegou”* (2, 4), deixando claro que os dois conhecem o destino e os poderes de Jesus. A mãe não é identificada, mas tem uma interferência direta na realização do milagre, demonstrando que eles têm uma relação de cumplicidade.

Nas festividades de Páscoa, Jesus vai até Jerusalém. Ao chegar lá, com gestos violentos, usando um chicote, expulsa os comerciantes que realizavam vendas no templo. Enquanto age, ele diz: *“Tirai isto daqui e não façais da casa de meu Pai uma casa de negociantes”* (2, 16). Jesus é arrogante e autoritário. E se apresenta como Filho de Deus. Desde o início do livro, o autor mostra um Jesus que quer convencer a todos da sua origem. Ao final deste episódio, aparece a desconfiança de Jesus nos homens, ele afirma não precisar de testemunho humano, pois *“bem sabia o que havia no homem”* (2, 25). O filho de Deus não acredita na humanidade, parece estar revoltado.

Este evangelista apresenta alguns diálogos que não aparecem nos demais evangelhos. No episódio conversa com Nicodemus, ao responder uma pergunta sobre sua origem, Jesus afirma não ser filho da carne, mas sim do Espírito. Reafirma ser o filho de Deus, que veio ao mundo como o salvador. Ele fala e age para convencer as pessoas disto. Afirma, ainda, que aquele que crer nele não será condenado, ao contrário daqueles que não acreditam.

João Batista e Jesus pregam ao mesmo tempo, em localidades diferentes. Os dois prometem a salvação para aqueles que acreditarem na palavra de Deus. João Batista afirma que Jesus é superior, que veio do céu e fala em nome de Deus. Os dois insistem no reconhecimento de Jesus como o filho de Deus.

O Jesus de João não come com seus discípulos, conforme o texto, ele tem um alimento que os discípulos não conhecem. Na cidade de Samaria, Jesus encontra uma samaritana, os dois conversam, e Jesus conhece a vida da mulher. Ela fica surpresa, acredita estar diante de

⁷ Uma pequena vila da Galileia.

um profeta. Divulga a ação, traz outros samaritanos para ouvirem Jesus. Ele afirma, mais uma vez, que é o filho de Deus. Jesus conhece a vida das pessoas, tem poderes, faz adivinhações, não tem fome. A onipotência e onipresença, identificadas no Deus de Lucas, reaparecem no Jesus de João. Nenhum traço humano pode ser observado neste Jesus.

Jesus realiza outro milagre, sua fama se espalha. Em Jerusalém, é bem recebido pelo público, cura um paralítico num sábado, reafirma estar agindo em nome do Pai, despertando a ira dos judeus. Ele quer reconhecimento e bajulação. Multiplica pães e peixes para saciar a fome dos seus ouvintes. As afirmações recorrentes da filiação de Jesus deixam o texto repetitivo. Parece que esta é sua única preocupação, até agora não apareceu nenhuma inquietação com os problemas do povo, com as diferenças sociais, com a exploração dos trabalhadores. Num discurso, onde tenta se justificar, afirma que a sua obra servirá de testemunho para confirmar sua identidade.

Jesus anda sobre as águas, diante de seus discípulos. Faz um novo discurso, ao ser questionado sobre a obra de Deus, Jesus responde *“A obra de Deus é esta, que creiais naquele que ele enviou”* (6, 29). Ele se autodenomina como o pão da vida, que desceu do céu para executar as vontades de Deus. É reconhecido na plateia como o filho de José, única referência ao pai de Jesus neste livro. Mas, Jesus parece não ouvir e insiste: *“eu sou o pão vivo que desceu do céu e quem comer deste pão terá vida eterna”* (6, 51). Acontecem outros questionamentos que Jesus não responde, continua a divulgar a palavra de Deus. Ele não quer diálogo. Suas falas não agradam a todos. João é o único evangelista a afirmar que muitos apóstolos abandonaram Jesus.

Jesus sabe que os judeus querem matá-lo, começa a se cuidar. Numa festa, anda no meio do povo, para escutar o que falam dele. Logo, esquece ameaça e vai ao templo ensinar, as pessoas se admiram com seus discursos. Perguntam como um homem que não estudou conhece tão bem as escrituras. Jesus responde: *“A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou”* (7, 16). O autor revela Jesus como um ser que não precisa de vivências anteriores, de estudos, é um ser sagrado, sua sabedoria é divina. Apesar de todo esse poder, Jesus não é uma unanimidade. Ele desperta várias reações, há aqueles que acreditam, seguem sua peregrinação, pedem milagres; há os indiferentes, que não se envolvem; e há os incomodados, que querem impedir sua caminhada missionária. Numa tentativa de prisão, ordenada pelos judeus, os soldados ficam comovidos com o discurso de Jesus e não conseguem prendê-lo.

Jesus passa os dias ensinando no templo, e as noites no Monte das Oliveiras. Um dia, enquanto ensina no templo, os escribas fariseus trazem até ele uma mulher apanhada em adultério, questionando como agir. Este gesto tem por objetivo testar Jesus, mas ele silencia todos os presentes com a afirmação “*Quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra*” (8, 7). Nesta passagem vemos um Jesus preocupado em defender uma fraca, uma marginalizada pela sociedade, mas que também quer desafiar os fariseus.

O autor narra uma discussão religiosa entre Jesus e os fariseus. Jesus apresenta-se como a luz do mundo, reafirma, mais uma vez, ser o filho de Deus. Os judeus afirmam serem filhos de Abraão, que é diminuído por Jesus. Os judeus revoltam-se e pegam em pedras para atingi-lo, mas ele consegue fugir. Diferente do que acontece nos outros evangelhos, os conflitos apresentados entre Jesus e judeus são religiosos. Os discursos têm o objetivo de identificar um ser superior, o salvador, que deve ser seguido. Não aparecem muitos ensinamentos. Jesus fala com superioridade, julga-se maior que outros profetas, ataca as crenças dos judeus, seu objetivo é instituir uma nova religião.

Jesus cura um cego de nascença. Apresenta a parábola do Bom Pastor, relacionando as ovelhas com o povo e o bom pastor como ele. As atitudes prepotentes de Jesus incomodam, cada vez mais, os judeus. Pela segunda vez, eles querem apedrejá-lo, pois não acreditam na sua divindade. Eles tentam prender Jesus, que consegue escapar.

Este evangelista relata sentimentos de Jesus por algumas pessoas, ele afirma que Jesus ama os irmãos Lázaro, Maria e Marta. Os três moram em Betânia e aparecem neste livro pela primeira vez. Lázaro morre, Marta e Maria sofrem. Jesus executa mais um milagre, a ressurreição de Lázaro. Numa visita aos irmãos, aparece passagem em que Maria ungiu os pés de Jesus com bálsamo e depois os secou com seus cabelos. Este gesto deixa Jesus envaidecido e marca o caráter de Judas, que ambiciona o bálsamo como mercadoria lucrativa. Os amigos de Betânia representam os sentimentos e as relações humanas de Jesus. Enquanto Jesus está em Betânia os judeus planejam sua prisão e morte. Há uma disputa por poder, há dois lados e pessoas de um lado e de outro. As informações circulam, alguns ouvem de Jesus para informar os judeus, outros ouvem dos judeus para informar Jesus. Ao saber que está sendo procurado, parte para Jerusalém oculto entre os peregrinos que estão indo festejar a Páscoa.

Ao chegar a Jerusalém, Jesus é aclamado por uma multidão. Muitos glorificam Jesus pela ressurreição de Lázaro. Aqui percebe-se uma contradição do autor, pois o Jesus, que estava escondido, esquivando-se da prisão, que quase fora apedrejado por duas vezes em Jerusalém, tendo sempre que fugir das agressões é saudado por uma multidão. Jesus anuncia

aos discípulos que chegou sua hora. O Jesus representado por João gosta de chamar atenção e gerar polêmicas.

Logo o autor apresenta um conjunto de episódios intitulado ‘última conversação de Jesus com seus discípulos’. Na ceia, Jesus lava os pés dos doze, dá orientações e faz revelações. Fala da importância da humildade e da igualdade entre os homens, a única referência às relações sociais. Anuncia a traição de um deles, que está dominado pelo demônio. Apresenta o novo mandamento, pregando o amor ao próximo. Prevê a negação de Pedro e dá outras orientações. Continua reafirmando que é o filho de Deus, que acreditar nele é forma mais eficaz de alcançar a vida eterna. Jesus pede devoção aos mandamentos e amor. Afirma que Ele e Deus são um só, têm os mesmos poderes, as mesmas vontades, as mesmas ideias. Neste evangelho, os ensinamentos são direcionados especificamente aos discípulos. As pregações finais aconteceram somente para eles. Quando fala ao grande público, Jesus não ensina, apenas apresenta sua origem.

Após este encontro, que pode-se chamar de despedida, o autor passa a narrar a sequência da paixão e ressurreição de Jesus. É preso pelas autoridades, que contaram com a ajuda de Judas Iscariotes, o traidor. Levado ao sumo sacerdote, responde com ironia às perguntas dos sacerdotes. Logo depois, afirma para Pilatos ser rei, mas rei de outro reino. Pilatos oferece ao povo a oportunidade de libertar Jesus, mas eles escolhem libertar Barrabás. Depois disto, seguem os relatos dos sofrimentos e a crucificação. O evangelista identifica na plateia a mãe de Jesus, uma irmã dela e Maria Madalena. A mãe de Jesus não é nominada neste evangelho, mas aparece em duas situações que demonstram afetividade entre os dois. Nesta passagem, Jesus pede ao discípulo amado que cuide dela. Antes de morrer, Jesus diz: *“Tudo está consumado”* (19, 30). É enterrado seguindo os costumes. Após a ressurreição, aparece para Maria Madalena e três vezes para os discípulos. Não aparece o relato da ascensão de Jesus, pois segundo o evangelista, ele ainda fez muitas outras coisas. João identifica-se como o discípulo amado.

João proclama a identidade de Jesus. Nos relatos da vida missionária, não apresenta muitos ensinamentos. A quantidade de milagres relatados é menor em relação aos demais livros. Não há preocupação com as causas sociais. Os discursos são cansativos, pois sempre apresentam a mesma ideia. O evangelista reforça a ideia do merecimento, da salvação para aqueles que seguem os ensinamentos cristãos. A única característica humana que aparece é a afeição de Jesus pelos amigos de Betânia, alguns discípulos e a mãe. Jesus é especial, tem poderes, realiza curas, não sente fome, e finalmente é sujeito do milagre da ressurreição.

1.5- Cotejo entre os evangelhos

Os quatro evangelistas apresentam Jesus como um conhecedor da sua origem e do seu destino. Jesus sabe que é o filho de Deus e que veio à Terra cumprir uma missão: salvar a humanidade. Todos apresentam Jesus como o divulgador de uma nova religião. Para ser reconhecido, ele realiza muitos milagres. Os evangelistas reforçam a ideia de Jesus como um mito, uma figura com poderes sobrenaturais e poucos traços de humanidade. Os evangelhos são bastante doutrinários, as parábolas e discursos relatados têm também o objetivo de ensinar aos leitores. Os ensinamentos sempre são apresentados de forma condicionada, todas as ações a serem desenvolvidas pelos homens sofrerão uma reação. Aquelas que estão de acordo com os preceitos de Deus serão recompensadas, e as que não estiverem serão castigadas.

Cada um dos evangelistas apresenta Jesus de uma forma. O Jesus de Mateus é extremamente arrogante: é um ser superior que julga, critica, condena, perdoa, oferece uma segunda chance, cura, enfim que sabe tudo e nunca tem dúvidas. Seus discursos são verdade absoluta. Ele é sábio e divulga seus conhecimentos. Apesar da sua superioridade, caracterizada por suas falas e gestos, este Jesus está preocupado com as causas sociais, defende os humildes e condena a hipocrisia dos fariseus. Poderíamos dizer que Jesus é um líder político e religioso. O Jesus de Marcos é mais simples, não há traços de arrogância. Ele também tem poderes, opera milagres, prevê o futuro, mas é mais acessível ao público, não se apresenta como superior, aceita questionamentos do povo e dialoga com eles, por vezes até parece amigo, tem sentimentos caracterizando alguns traços humanos. Quer estar no meio do povo, escolhe seus discípulos entre os trabalhadores. Atende a todos, sem distinção de religião ou classe social. Também é preocupado com as causas sociais. Defende os excluídos e critica os poderosos. Lucas apresenta um Jesus cercado de profecias e misticismos desde sua concepção. Desde jovem, ele já é apontado como um ser diferenciado. Mas o poder maior é atribuído a Deus, que tudo vê e tudo sabe. Jesus é o servo que fala em Seu nome. Além desta particularidade, o Jesus de Lucas também é preocupado com os excluídos, é atencioso com os pobres, as crianças e as mulheres, que aparecem mais neste livro. Jesus também é um crítico da riqueza, da desigualdade e das práticas adotadas pelos poderosos. Sempre refere o julgamento divino e condenação daqueles que não seguirem a palavra de Deus. O Jesus de João aparece como um ser arrogante, que se apresenta desde o início do livro como o Filho de Deus e tenta convencer a todos da sua identidade: o ser superior que não acredita na

humanidade. Difícil encontrar algum traço de bondade neste Jesus. Bem distinta das demais representações, este Jesus não está preocupado com as causas sociais, ele deseja somente divulgar a sua doutrina e reafirmar sua origem. Poucas ações demonstram que Jesus tem algum sentimento, como foi possível observar em seus diálogos com alguns de seus discípulos e sua relação de amizade com os irmãos Lázaro, Marta e Maria. Este autor aponta a rejeição de Jesus por muitos moradores da região. Todos os evangelistas, cada um ao seu modo, quiseram demonstrar um Jesus empenhado em divulgar uma nova doutrina, aparecendo sempre como um peregrino milagreiro.

O foco de todos os evangelhos é a missão de Jesus na Terra, mas cada um dos textos apresenta algumas particularidades. Mateus narra a passagem de Jesus a partir da sua concepção milagrosa anunciada por um anjo. Este é o único autor que aponta o infanticídio ordenado por Herodes logo depois do nascimento de Jesus. Poucas relações humanas são apresentadas. Os pais de Jesus são identificados, mas pouco aparecem. Maria é mãe que gera o filho de Deus. José o esposo de Maria, que aceita Jesus como seu filho depois do anúncio do anjo. Ele participa de algumas ações, obedecendo aos anjos. João Batista é aquele que antecede Jesus e anuncia sua vinda. Maria Madalena é uma personagem identificada ao final do texto como uma das seguidoras de Jesus, sem nenhuma referência anterior. Relatos de convivência de Jesus somente com seus discípulos, entre os quais se constata uma preferência por Pedro. Este autor não apresenta muitas ações, seu texto poderia ser classificado como uma compilação de discursos e de milagres de Jesus, diferenciado pelo grande número de citações do Antigo Testamento. Jesus realiza muitos milagres, alguns se repetem em todos os evangelhos. As parábolas têm o objetivo de ensinar os ouvintes e discípulos. A narrativa da paixão de Cristo é semelhante em todos os evangelhos, com pequenas diferenças no comportamento dele. Em Mateus, Jesus afirma sua identidade e que logo estará sentado ao lado do pai.

Marcos não apresenta a concepção, nem o nascimento de Jesus. Ele aparece logo depois de João Batista, já adulto para iniciar sua missão. Os pais de Jesus não são apresentados, somente referidos em algumas passagens. Maria Madalena, referida como aquela da qual Jesus expulsou sete demônios, é a pessoa para quem Jesus aparece depois de morto. As relações humanas relatadas são com seus discípulos e algumas pessoas do povo que dialogam com Jesus. Este autor relata mais fatos do que falas. Aparecem muitas curas e milagres. Todos os males são atribuídos ao demônio, sobre quem Jesus tem poder. Ele exorciza muitos demônios. A sequência de ações assemelha-se ao evangelho de Mateus. Para Marcos, Jesus

propõe mudanças de comportamento, defendendo a igualdade, regrando o casamento, condenando a riqueza e a soberba. No momento do seu julgamento, este Jesus é mais humilde e permanece calado, respondendo somente sim às questões apresentadas.

Lucas, assim como Mateus, apresenta a concepção de Jesus e também de João Batista. As duas são obra de Deus, que oportunizou duas gestações fora dos padrões da natureza. É o único evangelista que apresenta uma passagem referente à adolescência de Jesus. As mulheres aparecem de fato nesta narrativa, inclusive há mulheres entre os seguidores de Jesus. Isabel é a mãe de João Batista. Maria, a mãe de Jesus, tem importância, é ela que recebe o anúncio do anjo, cuida da prima Isabel e dá a luz ao filho de Deus. Maria Madalena aparece mais de uma vez, e está perto dele até seus últimos momentos. José é só referido como o esposo de Maria. Os poderes de Jesus são atribuídos a Deus. Jesus realiza muitos milagres, dentre eles a ressurreição do filho de uma viúva que aparece somente neste evangelho. Jesus visita Marta e Maria em Betânia, caracterizando novamente a importância das mulheres na vida dele. Jesus se relaciona com outras pessoas além dos discípulos. Na condenação Jesus desafia as autoridades, afirmando que suas respostas não podem mudar seu destino.

João mostra um Jesus adulto, sem referir nascimento ou infância. Logo o próprio personagem se apresenta como o filho de Deus. A mãe de Jesus aparece no episódio que narra o primeiro milagre, demonstrando uma relação de cumplicidade entre os dois; no episódio da crucificação, ela é identificada e causa preocupação no filho. O pai de Jesus somente é referido. Maria Madalena aparece na crucificação e anúncio da ressurreição. A quantidade de milagres apresentada é menor, mas aparecem alguns novos como a ressurreição de Lázaro, que é uma das pessoas amadas por Jesus, assim como suas irmãs Marta e Maria. E também é apontado o primeiro milagre, a transformação de água em vinho. João Batista prega depois de anunciar a vinda de Jesus, eles agem ao mesmo tempo. Este evangelista não se refere à morte de João Batista. Jesus não é bem aceito por todos, sofre rejeição. Sua causa é exclusivamente religiosa. Diferente dos demais, suas discussões com os fariseus giram em torno de sua origem e de sua missão. Não aparece crítica social neste evangelho. No episódio do julgamento, Jesus é irônico em suas respostas.

Muitos acontecimentos se repetem nos três primeiros evangelhos, como o milagre no momento do batizado de Jesus, o retiro ao deserto e tentação de Satanás, o descrédito dos moradores de Nazaré, o descaso de Jesus com sua família, a morte de João Batista, a expulsão dos vendilhões do templo, a previsão de grandes catástrofes, entre outros. Mas o que gostaria de destacar são as discussões de ordem política que Jesus trava com os poderosos de

Jerusalém. São diálogos fortes, nos quais Jesus sempre defende os pobres e marginalizados pela sociedade. Ele critica sem medo as autoridades, os costumes e a hipocrisia da sociedade. Além da quantidade de milagres apresentados, esta é a grande diferença entre os três primeiros e o Evangelho de João. Em João, Jesus discute com os fariseus a sua identidade, seu poder, sua missão. Enquanto Mateus, Marcos e Lucas apresentam discursos político religiosos, João apresenta discursos religiosos. Mas todos pregam a ideia de um julgamento final, onde aqueles que seguem os ensinamentos cristãos serão recompensados e os que não seguem serão castigados. Outra característica comum em todos os livros analisados é a imagem dos feitos de Jesus como um espetáculo sempre cercado de plateia. Eles representam um Jesus fora dos padrões humanos, que realiza ações compreensíveis somente para aqueles que acreditam nos seus poderes. A paixão e ressurreição servem para consolidar a imagem do mito construída ao longo das quatro narrativas. Nenhum dos evangelhos aponta os 33 anos como idade de Jesus no momento de sua morte.

O objetivo fundamental dos quatro evangelistas é a divulgação da doutrina cristã. Cada um, ao seu modo, apresenta a fé como o caminho mais curto à salvação dos homens. A salvação apresentada por eles não acontece nesta vida. Os evangelhos apresentam a passagem de Jesus como exemplo para o comportamento humano, que será recompensado com a ressurreição e um lugar no céu.

CAPÍTULO 2

A REPRESENTAÇÃO DE JESUS NO *EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO*, DE JOSÉ SARAMAGO.

José de Souza Saramago (Azinhaga, 1922 – Lanzarote, 2010), considerado um grande romancista português, publicou, em 1991, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. A obra conta a passagem de Jesus pela Terra, desde sua concepção até a morte. A narrativa é inovadora, pois o autor relata a história de Cristo sob novo ponto de vista. Ele reconta episódios dos evangelhos canônicos de forma diferente, e introduz fatos novos na vida do protagonista. O Jesus representado por Saramago traz muitas características humanas, é suscetível a dúvidas, medos, paixões e questionamentos sobre seus poderes e sua divindade. O livro foi considerado ofensivo pela comunidade católica, gerou reações polêmicas, e o autor foi acusado de heresia e blasfêmia.

O romance é o objeto de análise do segundo capítulo deste trabalho. Pretendo apontar as passagens que caracterizam a humanidade do Jesus representado por Saramago, que diferem do mito exibido pelos evangelistas canônicos.

Logo no início da obra, o autor apresenta a descrição detalhada de um quadro que retrata a cena da crucificação de Jesus, acontecimento difundido inúmeras vezes e de diversas formas. Este começo quebra a sequência natural dos fatos, pois descreve o acontecimento final do livro. Ao apresentar a pintura, Saramago fala da liberdade da criação artística, que não retrata especificamente a verdade, como podemos constatar na passagem “... pois nenhuma destas coisas é real, o que temos diante de nós é papel e tinta, mais nada” (p.7)⁸. Assim como a pintura, a literatura também é uma criação artística, possibilitando ao autor uma reinvenção pessoal de uma história que pertence ao imaginário coletivo.

Já neste capítulo, podemos constatar a intenção de Saramago em mostrar que Jesus foi um homem que viveu conforme os costumes da sua época. Após condenado, Jesus foi crucificado entre outros dois, que eram ladrões, sentiu dores, expressou sofrimento. A crucificação tão difundida como uma prática cruel contra o herói era uma condenação comum àquele período da História. Conforme o próprio texto: “Neste lugar, ..., muitos são os que tiveram o mesmo destino fatal e muitos outros virão a ter, mas este homem, nu, cravado de

⁸ SARAMAGO, José, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Desta edição foram retiradas as citações.

pés e mãos numa cruz, filho de José e Maria, Jesus é o seu nome, é o único a quem o futuro concederá a honra da maiúscula inicial, os mais nunca passarão de crucificados menores.” (p. 11).

Na sequência da narrativa, aparecem José e Maria, um casal que mora no vilarejo de Nazaré, na região da Galileia. O casal é humilde, trabalhador e religioso. O chefe da família é um carpinteiro piedoso e justo, cumpridor dos deveres sagrados. A esposa fia as roupas da casa e cuida dos afazeres domésticos, como as demais mulheres. O casal representa a sociedade patriarcal judaica da época, onde as mulheres vivem para obedecer e servir aos homens. Narrando as vivências do casal, o autor relata a concepção de Jesus: “... *não podia ver como a pele de um tocava a pele do outro, como a carne dele penetrou a carne dela, criadas uma e outra para isso mesmo, e, provavelmente, já nem lá se encontraria quando a semente sagrada de José se derramou no sagrado interior de Maria*” (p. 19). Aqui é possível observar a natureza agindo para o nascimento de Jesus, ele é concebido a partir do ato sexual de seus pais, marcando um traço humano do protagonista.

A primeira referência do autor à gravidez de Maria, aparece num diálogo dela com um ser extraordinário. Pode-se pensar num anúncio da gravidez, porém depois fica bem claro, na conversa com seu marido, que ela já tinha conhecimento do seu estado. A gravidez de Maria transcorre normal, sua barriga cresce, ela e o marido desejam um filho homem, ela sofre durante a viagem que fazem até Belém para participar do recenseamento estabelecido por Herodes, pois o tempo do nascimento está próximo. Ainda durante a viagem, começa a sentir as dores do parto. José, aflito com a situação, só pensa em chegar ao destino e pedir ajuda. Uma mulher, compadecida da situação de Maria, oferece uma gruta de propriedade da família para eles se alojarem e o serviço de uma escrava para auxiliar no parto. José não sabe como agir, sai de perto, foge ao ouvir os gritos de Maria. É nesta situação e lugar que “*O filho de José e de Maria nasceu como todos os filhos dos homens, sujo do sangue de sua mãe, viscoso de suas mucosidades e sofrendo em silêncio. Chorou porque o fizeram chorar.*” (p. 65). Eis a passagem em que a natureza impera, caracterizando a humanidade do menino de Nazaré.

Após o nascimento, os pais estão felizes, demonstram afeto pelo bebê e cuidados com seu bem estar. A sequência dos acontecimentos segue os costumes e as leis da natureza. Maria precisa de um tempo para recuperar-se do parto. José, o provedor da família, preocupa-se em garantir o sustento deles para este período. Permanecem na gruta, José arruma um trabalho nas obras do templo. Religiosos que são, seguem os rituais judeus. Jesus passa pela circuncisão, sendo depois confortado por sua mãe penalizada, momento em que o autor se

refere a ele como um pequeno ser natural e o compara a filhotes de animais (p. 69). Jesus tem seus primeiros momentos de vida como todos os outros bebês. Outra cerimônia narrada é a da purificação da mãe, na qual é apontada a crueldade dos rituais, onde animais são sacrificados em nome da religião. Aqui podemos perceber uma crítica do autor aos costumes religiosos.

Ao mesmo tempo em que as vivências do casal são apresentadas, aparece também a agonia de Herodes. Preocupado com a perda do poder, após sonhar com o nascimento do novo rei dos judeus e associar a uma profecia, determina a morte de todos os meninos nascidos em Belém com menos de três anos. Por acaso, José fica sabendo disto. Atordoado com a revelação, como homem que é, só pensa em salvar sua cria. Nem pensa na possibilidade de alertar os outros pais. Maria, ao saber do que se passa, pega o filho no colo e o aproxima do peito, como se isto impedisse qualquer acontecimento ruim. O inocente bebê dorme indiferente a todos os acontecimentos relatados. Ele já é muito amado por seus pais. Aqui também a natureza impera, demonstrando a preocupação genuína dos pais em proteger os filhos. Mesmo que isto traga consequências desagradáveis, pois desde o acontecimento, José vive atormentado pela culpa e sonha todas as noites que tenta matar o próprio filho.

Os pais de Jesus têm destaque neste romance. José, o pai protetor, agora é um homem calado e triste. A esposa conhece a causa do seu sofrimento e o pesadelo que ele tem todas as noites, acordando a família com seus gritos. Apesar disto, a vida segue, a família cresce, Maria tem mais oito filhos. Os pais amam e cuidam dos filhos. O protagonista vive como as demais crianças. Está sujeito aos aprendizados pertinentes à idade, o menino gatinha, começa a falar e andar. As semelhanças físicas com os pais, como a cor dos cabelos e olhos, são apontadas pelo autor como herança genética. Acompanhando o crescimento natural, “*aos cinco anos, o filho de José começou a ir à escola*” (p. 107), iniciando seu aprendizado. Ele é referido como o filho de José, e faz tudo que outros meninos fazem. Conversa com o pai sobre o que aprende na escola, começa a aprender a profissão de carpinteiro, e o tempo vai passando. A rotina da família é simples, sem acontecimentos extraordinários. Maria, às vezes, pensa no anjo/mendigo/pastor que teria aparecido para ela mais de uma vez. Ela se pergunta qual é o significado destes acontecimentos. O menino não apresenta nenhuma característica incomum.

Jesus cresce, é um menino inteligente. Estuda as escrituras sagradas. Está com onze anos, adolescente questionador, quer saber o que acontece com seu pai todas as noites. Primeiro questiona a mãe e depois diretamente o pai, mas não consegue respostas satisfatórias. Enquanto isso, os romanos determinam um novo recenseamento, gerando revolta

entre os judeus da Galileia. Novamente, o autor faz referências à crucificação como uma condenação comum daquele tempo. Durante a revolta, José fica sabendo que seu vizinho foi ferido, e quer ajudar. Este auxílio aparece como uma tentativa de José em amenizar a culpa que carrega, mas acaba preso e crucificado pelos romanos junto com os revoltosos. Antes de morrer, José pensa no seu fim, nos seus filhos, especialmente em Jesus, sofre todas as dores do suplício. O autor informa sua idade - trinta e três anos.

José teve papel de destaque na narrativa, até este momento; a maioria dos relatos dá conta da sua rotina diária, dos seus pensamentos, do seu sofrimento, das suas relações familiares e sociais, enfim da vida dele. Jesus aparece como o filho obediente, que vive uma infância tranquila, junto da família. Mas a morte do pai muda sua vida. O menino que vive como os outros de sua idade, vai à escola, brinca com os irmãos, conversa com os pais, cresce conforme as leis da natureza, é inteligente e curioso, deparar-se-á com uma parte de sua história que não conhece.

A partir daqui o destaque da obra passa a ser Jesus. É necessário que ele amadureça para suportar as dores que sentirá. É ele, filho mais velho, que acompanha a mãe na busca pelo pai que não retornou para casa. Maria e Jesus encontram o corpo de José crucificado entre outros condenados, seguem os rituais religiosos, e o filho trabalha como um adulto para enterrar os mortos. Os dois sofrem e choram a morte do chefe da família. Ao chegarem em casa, é ele quem noticia aos irmãos o acontecido. Nesta mesma noite, Jesus passa a gritar durante o sono, representando a herança do pesadelo do pai. Inquieto, quer saber o que se passa. Questiona a mãe, que resiste durante um tempo, mas acaba contando a Jesus sua história, a morte dos meninos em Belém e a culpa que o pai carregava por não ter feito algo pelas demais crianças. Jesus revolta-se e atribui a culpa pelas mortes ao seu pai e também a sua mãe. O autor refere ímpetos característicos da adolescência no comportamento do jovem. O rapaz passa por vários sofrimentos, perde o pai, a quem amava, ampara a mãe e os irmãos, decepciona-se com o comportamento de José, e herda sua culpa.

Jesus passa uns dias assimilando as informações e acumulando dúvidas e angústias. A revolta aumenta. Julga os pais severamente e abandona sua casa. Seu comportamento impetuoso pode ser visto como rebeldia comum aos adolescentes, acentuado pela culpa que carrega. O menino cordato e obediente, que deveria ser o responsável pela família na ausência do pai, desaparece, dando lugar a um jovem aflito e inquieto. Não consegue aceitar que outros morreram, e ele se salvou. Culpa o próprio pai pelo seu destino.

Jesus anda pelo mesmo caminho que os pais fizeram treze anos antes. Sente fome, sede, frio, sono, cansaço, medo. Como andarilho, recebe auxílio de alguns, desprezo de outros. Ganha o que comer e beber, mas também é assaltado. Mesmo assim, não desiste de seus objetivos, quer respostas para suas dúvidas. No templo de Jerusalém, questiona os escribas e anciões, deixando-os admirados com a sua sabedoria. Ele demonstra ter um grande conhecimento das escrituras sagradas e faz questionamentos a respeito da culpa. Jovem inteligente e astuto, é representado como uma pessoa que não aceita passivamente as ordens divinas, reflete sobre os desígnios de Deus. Em todo o texto, Saramago relata os sentimentos, as necessidades físicas e os pensamentos de Jesus, marcando a sua humanidade.

Enquanto Jesus refaz o caminho do seu passado, Maria sofre em casa com a ausência do filho. Nesta busca, Jesus encontra algumas respostas que procurava. Descobre que a culpa não tem remédio, quantos foram os meninos mortos e onde estão enterrados, só não descobre a motivação de tamanha crueldade. Na gruta onde nasceu, permanece um tempo e reconstrói a sua história. Reflete sobre os acontecimentos, as suas descobertas e sofre muito. Continua tendo os pesadelos. Jesus é um menino atormentado pela culpa, sente remorso pelo comportamento do pai.

Antes de narrar o próximo encontro de Jesus, o autor faz digressões sobre as coincidências da vida. E ainda chama a atenção para o comportamento egoísta e presunçoso dos jovens: “... e Jesus, que ele saiba, não tem motivos para ser diferente dos da sua idade” (p. 183), usando da ironia para descrever a normalidade do personagem.

O autor apresenta o encontro de Jesus com o pastor de ovelhas. A descrição do pastor remete diretamente à figura que já apareceu para Maria, sua mãe, e reaparece em seus pensamentos. O jovem dialoga com o pastor, que conhece sua história. Ele sabe de tudo, inclusive do infanticídio coletivo de Belém. Numa conversa enigmática, divergem sobre religiosidade e as vontades de Deus. O menino é um conhecedor das escrituras sagradas e defende aquilo que acredita. Jesus tenta obter informações sobre as origens da criatura, mas não consegue. Mesmo assim, num misto de temor e fascinação, decide permanecer com ele, conhecê-lo e aprender uma profissão. O autor destaca os conflitos de ideias e convicções morais e religiosas entre os dois. O Jesus que tomou conhecimento de sua história, que atribui a culpa do seu sofrimento ao pai, que se afastou da família, que começa a questionar os costumes judeus, escolhe a companhia de um ser enigmático e uma vida sem conforto e sem afeto.

Neste período, o jovem humano e questionador passará pelos primeiros acontecimentos míticos. Jesus, assim como seus pais, é religioso e não abandona os costumes. Ao aproximar-se a data da Páscoa, decide participar das comemorações em Jerusalém. No caminho, pensa nos rituais, questiona ‘as vontades de Deus’, reflete sobre a prática de sacrificar cordeiros perfeitos, e logo desiste de ofertar o seu cordeiro. Nem o encontro com a família e o apelo da mãe fazem o jovem rebelde voltar atrás na sua decisão. Aqui percebemos a característica de um jovem inquieto e inovador, pois sozinho decide deixar de cumprir um ritual ao qual estava habituado.

Quando volta ao rebanho, Jesus é atingido por um raio e desmaia. O autor relata o seu sofrimento físico: *“Jesus sentiu dores, mas percebeu que era senhor do seu corpo,..., comprovou que não estava queimado nem tolhido, que não tinha qualquer membro partido..., estava vivo e são”* (p. 213), mas o seu cordeiro nada sofrera. O protagonista, que é humano e sente dores, tem muita fé e vê Deus como o Ser supremo que pode tudo diante dos homens. Pensa no acontecimento como um castigo de Deus, que desejava a oferta do cordeiro. Apesar das últimas reflexões, nas quais condena as práticas religiosas, ele aparece como temente a Deus.

Após três anos, sua ovelha foge e ele vai procurá-la. No deserto para onde foi, passa por alguns acontecimentos míticos: sua sandália desaparece dos pés de uma forma inexplicável, ele fica nu, machuca-se na areia quente e nas plantas ásperas. Ao tentar aproximar-se da ovelha, percebe uma figura extraordinária. Uma voz que sai de uma nuvem dialoga com Jesus, apresenta-se como Deus e os dois selam um acordo: a pedido Dele, Jesus oferece sua vida em troca de poder e glória. Jesus não pensa muito antes de aceitar, na sua fé acredita que a vida já é de Deus, pois ele decide quando nascemos e quando morremos. Além do acordo, um Jesus contrariado e penalizado acaba oferecendo a ovelha em sacrifício ao Senhor. Nestas passagens, percebemos características humanas, nas quais o autor aponta ferimentos no corpo de Jesus, e acontecimentos sobrenaturais como nuvens falantes, desaparecimento do corpo da ovelha e o inusitado diálogo.

Deus faz exigências em nome da fé do jovem, incomoda-se com os questionamentos e a sensibilidade de Jesus, e ainda alerta para os sinais que enviará a partir deste momento. Jesus não entende os avisos e exigências, mas acata Suas determinações. Aqui o jovem inquieto e questionador dá lugar a um servo obediente, que segue as vontades divinas. Apesar de suas reflexões e questionamentos acerca de Deus, Jesus aceita todas as ordens divinas. Ele sofre mesmo é pela ovelha, até tenta salvá-la, mas não consegue.

O acontecimento acima marca o rompimento entre Jesus e o pastor. A desconfiança de Jesus, que pensa no pastor como um anjo do demônio, é fortalecida pela rejeição diante da notícia do pacto. Jesus parte de volta para Nazaré. No caminho, sente-se sozinho, sofre com as feridas nos pés, e pensa no seu encontro com Deus como algo único na História. Além das reflexões, o autor relata o desejo sexual de Jesus. Ao observar uma mulher nua, banhando-se no Jordão, “*O corpo de Jesus deu um sinal, inchou o que tinha entre as pernas, como acontece a todos os homens e animais.*” (p. 224). Esta descrição marca mais um traço humano no Jesus representado por Saramago.

No período com o pastor, Jesus permaneceu isolado da sociedade, não conhecia pessoas, viviam afastados dos povoados. No retorno à Nazaré, Jesus experimenta o convívio em comunidade. Para garantir seu sustento, trabalha com pescadores e estabelece suas primeiras relações de amizade. Os irmãos Simão e Tiago, com quem Jesus vai ao mar, testemunham seu primeiro milagre. Ao apontar o local ideal para a pesca, o nazareno só desejava demonstrar gratidão pela acolhida dos pescadores. Ao ver o resultado de sua ação, apesar de falar em sorte ou acaso, não entende o que aconteceu, chegando a se perguntar “*Quem fez isto*” (p. 227). Após refletir, Jesus conclui que é um sinal daqueles anunciados por Deus. Para que o feito não sirva de especulação, Jesus parte da comunidade.

As feridas dos pés, que ainda não estavam curadas, motivam a aproximação de Jesus e Maria de Magdala. Conforme o texto, “*quis, porém, o destino*” (p. 229) que Jesus fosse pedir ajuda justamente na casa de uma prostituta. O autor relata um clima de desejo entre os dois. Jesus fala da sua inexperiência, e ela se propõe a ensiná-lo. A cena do ato sexual é carregada de beleza e lirismo. A descrição detalhada dos pensamentos e ações de um e de outro, da relação até a chegada do clímax, revelam a fragilidade emocional do ser humano. Jesus não difere dos outros homens, é inseguro e sente desejo. Por motivos diferentes, os dois eram solitários e não tiveram relacionamentos afetivos, a aproximação resulta em cumplicidade. Jesus permanece com ela por uma semana. Numa das noites, o pesadelo, que andava bem ameno, volta a atormentar Jesus. Ao acordar aos gritos, ele chora e conta sua história, ocultando o encontro com Deus. Maria revela-se apaixonada, conforta Jesus e informa que não será mais prostituta. A relação está fora dos padrões sociais da época; além da condição dela, eles fazem tudo juntos, como podemos observar na passagem: “*... desde o primeiro dia, na casa fechada, este homem e esta mulher tinham dividido e multiplicado entre si os sentimentos e os gestos, os espaços e as sensações, sem excessivos respeitos de regras, norma*

ou lei.” (p. 240). Depois de tantas desventuras, o protagonista tem alguns momentos de alegria. Experimenta o sexo, o carinho, o afeto, necessário a todos os homens.

Após quatro anos de ausência, Jesus retorna para casa. Vai à procura de aconchego, de compreensão da família. Ao referir as mágoas do personagem, o autor retoma os acontecimentos da sua vida, dialoga com o leitor sobre as dificuldades de curar as feridas da alma. Na chegada, Jesus é recebido com carinho e alegria, os irmãos querem saber das suas aventuras. O reencontro com a família, que inicialmente é agradável, gera desconforto quando é constatada a presença de dinheiro entre os pertences de Jesus. Surpreso, conclui a procedência e envergonha-se por não ser resultado do seu trabalho, mas sim das atividades de Maria de Magdala. Ele não se incomoda com o gesto, mesmo tendo resultado num conflito familiar. Os irmãos supõem que Jesus não dividiria a quantia. O clima de tensão é quebrado com a intervenção da mãe, que, preocupada com as necessidades da família, sugere o uso em benefício de todos. Esta família, como as demais, também vive seus momentos de desentendimento, que acabam se resolvendo.

Nesta mesma noite, Jesus sonha com seu pai, mas não é mais o pesadelo que tanto atormentara sua vida. A reaproximação da família marca o fim dos pesadelos. No novo sonho, eles estão lado a lado, Jesus não se sente ameaçado, não teme a presença do pai, pelo contrário, a sensação é de alegria, finalizando suas angústias ao dormir.

No outro dia, conta para a mãe e os irmãos mais velhos o encontro com Deus. Jesus precisa dividir suas angústias e medos. É aos parentes, a quem está ligado por laços sanguíneos, que recorre, o que ele procura é compreensão. Mas depois de falar, responder as perguntas, decepciona-se, a família não acredita nele, chegando a duvidar de sua sanidade mental. Revoltado, Jesus sai de casa outra vez, mas antes divide o dinheiro que motivara a discórdia anterior. Após uma infância feliz, Jesus não consegue se entender com a família. Há mágoas do passado. Os que ficaram sentem-se abandonados, e no reencontro pensam que Jesus é mesquinho. Aquele que foi em busca da sua história, retorna e compartilha suas experiências, mas não é compreendido. A desconfiança da família motiva o rompimento definitivo, os laços afetivos não serão restabelecidos. Os sentimentos marcam a humanidade de Jesus, ele sente raiva, decepção e fica ressentido.

Jesus está perdido, não sabe para onde ir. Ele sofre, está cheio de dúvidas, questiona sua identidade e “*chora lágrimas de abandono e solidão*” (p. 252). Sua figura é um quadro de desolação. Fragilizado, procura aconchego nos braços de Maria de Magdala. Esta irá recebê-lo com carinho e acreditar na história relatada em detalhes, após uma promessa de verdade.

Aqui vemos uma relação homem/mulher que está no início da paixão, ainda não existem mágoas, nem ressentimentos. Cada um almeja estar junto do outro. O amor amenizará as dores de Jesus. Após as revelações, ele faz planos e promete à mulher: *“Buscarei onde trabalhar em Magdala e viveremos juntos como marido e mulher”* (p. 258). Mas, ao procurar emprego, Jesus é motivo de deboche na comunidade. Eles não suportam as discriminações e partem de Magdala. O destino é o vilarejo de pescadores. Magoado pela família, escolhe Maria como companheira, e passam a viver das gratificações pelos milagres na pesca. O poder de Jesus garante o seu sustento. Ele ainda não conhece sua origem, apenas sabe que tem um dom especial.

Enquanto isso em Nazaré, Maria sonha com um anjo que anuncia a divindade de Jesus, afirmando: *“... o Senhor pôs a sua semente de mistura com a semente de José na madrugada em que concebeste pela primeira vez”* (p. 260). Ele justifica a escolha pelas qualidades físicas dela e de seu marido. Neste mesmo sonho, confirma as suspeitas de Maria e do filho de que o pastor é o demônio. O autor retrata a fé destas pessoas, que acreditam em sonhos como sinais divinos. Maria arrepende-se por não ter acreditado no filho, e ordena que Tiago e José saiam a procurá-lo. A viagem, que também serve como uma aventura aos meninos, leva-os primeiro ao encontro do que se fala de Jesus, um mágico. No encontro, eles conhecem a companheira de Jesus. Tiago transmite o recado da mãe, convidando Jesus a voltar para casa. Magoado, Jesus responde: *“Quem é minha mãe, quem são meus irmãos, meus irmãos e minha mãe são aqueles que creram na minha palavra na mesma hora em que proferi”* (p. 271). Jesus não perdoa a família, escolhe a companhia daqueles que acreditam nele.

Ao ser procurado pelos irmãos, Jesus é uma personalidade conhecida, esperada, festejada entre os pescadores, por onde passa a pescaria é abundante. As comunidades disputam sua presença. Enquanto Jesus vai ao mar, Maria de Magdala espera pacientemente. O casal não tem uma casa, recebem hospedagem de algum morador da aldeia onde estão. Preocupado com o conforto da mulher, ele quer montar um lar, ela não aceita. O autor refere, mais de uma vez, o desejo de Jesus por uma vida comum, igual aos demais homens. As reflexões do nazareno também aparecem, ele pensa no seu destino, na consumação do acordo divino. Aquele menino inquieto e impetuoso do início do romance desapareceu, quem está diante do leitor é um homem frágil e inseguro, que aguarda a realização de um anúncio mágico. A impaciência juvenil dá lugar à resignação de um homem temente a Deus. Nas suas reflexões, pensa na monotonia de fazer e refazer o mesmo milagre. Jesus deseja mais, quer

arriscar novos feitos. Aqui é possível constatar a insatisfação humana enquanto uma característica do protagonista.

Num dia normal de pesca, Jesus está no mar, no barco dos irmãos Simão e André, onde também estão Tiago e João. O tempo está ruim, uma tempestade se aproxima, o medo toma conta de todos. Diante do desespero dos pescadores, Jesus pensa em como salvá-los, e num ímpeto grita: *“Cala-te, e isto era para o vento, Aquieta-te, e isto era para o mar,... acalmaram-se o mar e o vento, as nuvens no céu apartaram-se e o sol apareceu como uma glória”* (p. 280), marcando a realização de um novo milagre. Desejara outros poderes, está recebendo. Todos, no mar e na terra, glorificam Jesus. Ele reafirma sua humanidade, relembrando suas origens e vivências. Os amigos mais próximos falam das dificuldades que um homem comum, como ele se apresenta, dotado de tais poderes terá de enfrentar. Este milagre traz fama e reconhecimento para Jesus, seus feitos são propagados por toda a região, chegando até Nazaré. O autor comenta o quanto cada fato pode ser alterado na divulgação oral, a notícia tanto pode reforçar a ideia do milagre, quanto ser transformada em mera coincidência.

Após o novo milagre, Jesus não se alegra, pelo contrário: *“Jesus deixou pender a cabeça, era uma representação viva da tristeza e do abandono”* (p. 282). Ele não entende os acontecimentos, em alguns momentos deseja mais, mas quando acontece algo neste sentido fica amedrontado, inseguro. É a representação de um homem cercado de fraquezas e dúvidas, mas que tem o poder de realizar coisas extraordinárias, inexplicáveis.

Como uma nova obra do acaso, Jesus encontra sua mãe e alguns dos seus irmãos. O cenário é uma festa de casamento em Caná. No encontro, com exceção da irmã caçula que é carinhosa, os cumprimentos são frios, destacados pelo autor na passagem: *“... as palavras de quem todos os dias se encontra, sóbrias e sem emoção.”* (p. 287). As mágoas não foram esquecidas, o contato da família é representado com sofrimento e apreensão dos envolvidos. Nesta festa, Jesus realiza mais um milagre. Alertado pela mãe da falta de bebida, ele transforma água em vinho. O filho de José descobriu mais um poder sobrenatural, e novamente aparece triste. Ele pensa que Deus age através do seu corpo, e estas ações são os sinais anunciados.

Jesus espera o anunciado encontro com Deus. O autor faz referências aos milagres realizados como de pouca relevância, chegando a compará-los a truques de mágica. Nos momentos de ansiedade e dúvida, Jesus é confortado por Maria, que não poupa carícias, nem beijos. As necessidades humanas aparecem mais uma vez, o seu refúgio é o corpo da mulher,

no ato sexual esquece suas angústias e se satisfaz. Ele continua auxiliando os pescadores, que não entendem por que ele não trabalha em causa própria.

Aos 25 anos de Jesus, aparecem novos sinais. O autor relata novos milagres: a cura da sogra de Simão, de um paralítico, a salvação da adúltera e a expulsão de uma legião de demônios, que reconhecem em Jesus o Filho de Deus. Aqui há um fato novo para Jesus, pois até agora ele nem imaginava a possibilidade da sua origem divina. Revoltado com seus poderes e intrigado com a revelação dos demônios, Jesus precisa conversar sobre o assunto. Apesar de temer a desconfiança, conta sua história aos amigos. Com eles fala da sua angústia, da espera pela consumação do acordo relatado, da ignorância quanto ao seu futuro, das dúvidas sobre sua identidade. Diante dos amigos, mostra sua fragilidade.

Novos milagres: a multiplicação de pães e peixes para saciar uma multidão desprevenida, a maldição da figueira que não tinha frutos quando Jesus teve fome. Ao final de cada milagre, o protagonista pensa sobre seus poderes. Jesus sente fome, tristeza, raiva, revolta, arrependimento e está cheio de dúvidas.

Num dia de nevoeiro intenso, que inviabiliza a pesca, Jesus vai ao mar. Antes de sair, despede-se de Maria, informando que vai ao encontro das respostas. Num cenário mítico, Jesus encontra-se com Deus, que está na forma humana, e vestido como um judeu rico. Jesus quer saber quem é. Diante da resposta de Deus sobre sua origem divina, Jesus questiona: *“Como pode um homem ser filho de Deus... Sou um homem, vivo, como, durmo, amo como um homem, portanto sou um homem e como homem morrerei”* (p.305). Deus revela a parte da história que Jesus ainda não conhece. Anuncia o seu projeto, a morte do filho como mártir. Jesus tem dificuldade em aceitar sua condição de filho de Deus, ele se vê como um homem.

Enquanto os dois conversam, chega outra figura que é um velho conhecido de Jesus, o pastor, representando o Diabo. Jesus pensa que as forças de Deus e do Diabo são paralelas e equilibradas, e que ele foi enganado pelos dois. Ao saber de seu destino, Jesus fica apavorado, chegando a tremer de medo. Ele sofre, quer ser o filho de José, viver, romper o contrato, proteger a humanidade. Rebelar-se, luta, tenta fugir, mas não consegue. O personagem não aceita pacificamente os desejos de Deus. Ele resiste por um tempo, mas ao constatar que não tem alternativa, resignado aceita seu destino afirmando: *“Faça-se então em mim segundo a tua vontade”* (p.315). O diabo assiste a tudo calado. E então, a pedido de Jesus, Deus conta tudo que irá acontecer após a sua morte. Fala da fundação de uma Igreja, das desgraças, dos sofrimentos, das dores, da inquisição, das catástrofes, das mortes, das guerras que acontecerão por causa da religião. Jesus não quer, sofre pelo futuro, mas Deus quer. O Diabo manifesta-

se, critica os desígnios de Deus e apresenta uma proposta afirmando curvar-se a Ele para acabar com o mal. A proposta não é aceita por Deus. “*Então o Diabo disse, É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue.*” (p. 327). Contrariando o imaginário coletivo, Deus é cruel e o diabo benevolente. Jesus encontrou as respostas que procurava, mas sofre, não deseja o poder e a glória planejados por Deus.

Ao retornar, Jesus é esperado por muitas pessoas, passou quarenta dias no mar. Procura pelos amigos e pela mulher, deseja a presença daqueles em que confia. Conversa com eles sobre o encontro. Mesmo contrariado, obedece às ordens divinas, prega o arrependimento e realiza novos milagres. O homem questionador, rebelde, sensível, acata as vontades de Deus. Jesus vive o conflito entre ser um homem comum e o escolhido de Deus para transformar a História. Ele fraqueja, deseja não fazer a vontade de Deus, reza pelas pessoas que irão sofrer em seu nome no futuro, sente remorso. Com Maria de Magdala fala do seu sofrimento, dos seus medos, da sua culpa, chora suas dores. Jesus deixa seus discípulos encarregados de curar e pregar, procura um refúgio com a companheira. O casal vai a Betânia, visitar a família dela. Ele precisa de um tempo para vivenciar a normalidade, ter momentos de lazer. Ao chegarem, Lázaro, o irmão de Maria, está doente e é curado por Jesus. A notícia se espalha, uma multidão procura por curas e milagres na casa de Lázaro. Durante a vida missionária, a humanidade de Jesus é marcada pelos seus sentimentos, sua fragilidade, pela negação ao seu destino e a relação com Maria.

Aparecem outros milagres realizados por Jesus e manifestações diante de plateia. Ele tem fama, é procurado por pessoas para realizar curas e por curiosos. Sua popularidade chama atenção até dos escribas e anciões do templo de Jerusalém. Mas ele parece não gostar do que faz, suas ações milagrosas resultam em tristeza. Na narrativa aparecem também: o batizado de Jesus por João Batista, a expulsão dos comerciantes do templo, a morte de Lázaro, que Jesus pensa em ressuscitar e é impedido por Maria de Magdala. Entre as ações, o autor descreve os conflitos do protagonista. Ele pensa no sofrimento que provocará na humanidade, na sua filiação divina. Isolado do grupo, deprimido, não sabe o que fazer. Preocupa-se com sua mulher, que vive o luto pela perda do irmão, e com as pessoas que largaram tudo para segui-lo. Nos momentos de intimidade com Maria, valoriza o prazer carnal. O narrador prioriza as questões que caracterizam o personagem como homem.

Enquanto os amigos esperam por novas orientações do líder, o grupo recebe a notícia da prisão e morte de João Batista, ordenadas pelo rei Herodes. Pensando que pode alterar seu destino, Jesus revela aos discípulos o futuro deles e planeja adiantar sua morte. Nos planos de

Jesus, ao apresentar-se como um homem comum, que tenta desafiar o poder estabelecido, ele não será reconhecido como um mártir e evitará todas as desgraças previstas por Deus.

Jesus precisa da ajuda de um dos seus discípulos para divulgar a ideia de que ele é o novo rei dos judeus. Judas aceita a missão, é saudado por Jesus que: “... *levantou-se, abraçou-o e beijou-o nas duas faces, e disse Vai, a minha hora é a tua hora*” (p. 368). No romance, o autor transforma o Judas traidor em aliado nos planos de Jesus. Um dos escolhidos mostra-se mais forte que os outros, obedecendo aos desejos de Cristo e contrariando a vontade de Deus. Podemos perceber um traço de comportamento semelhante a Jesus em Judas. Ele atende ao seu mestre, depois se sente culpado e acaba cometendo suicídio.

Diante de uma Maria chorosa, Jesus é preso pelas autoridades, julgado pelo sumo sacerdote e Pilatos e, sem referir que é filho de Deus, condenado. Na condenação, escolhe a morte pela crucificação e pede para ser identificado como o rei dos judeus.

Ao ser conduzido para execução da pena, é saudado por uns, desprezado por outros e pensa que conseguiu mudar o curso de sua história, salvando a humanidade de muitos sofrimentos. No momento da crucificação, Jesus pensa em seu pai José e sofre as dores do corpo, chegando a ter vertigens quando seus pulsos são perfurados. Desfalecendo aos poucos, percebe um acontecimento extraordinário, uma voz celestial afirma: “*Tu és meu filho amado, em ti pus toda minha complacência.*” (p. 374). Antes da morte, Jesus constata que estivera enganado, que seu plano fracassara, pois seu destino é morrer como o filho de Deus e afirma “*Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez.*” (p. 374). Antes de morrer, ainda sente os lábios umedecidos por esponja embebida em água e vinagre.

No evangelho, Saramago retrata Jesus vivenciando todas as fases pelas quais passam os seres humanos. Ele é concebido, nasce, cresce, vive e morre conforme as leis da natureza. Tem uma família, vai à escola, sofre a morte do pai, indigna-se com a sua história, desentende-se com a família, segue os costumes religiosos. Apaixona-se e vive com uma mulher. A obra se particulariza por mostrar o homem que viveu como os demais, cometeu os mesmos erros, partilhou das mesmas dúvidas e sentiu as mesmas fraquezas. Ele tem poderes, que ficam em segundo plano no desenvolvimento do enredo. Os milagres causam sofrimento e angústia. O Jesus de Saramago tem dificuldade em aceitar sua divindade, ele é um homem que luta até o fim contra a vontade de Deus.

CAPÍTULO 3

COTEJO ENTRE O *EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO* E OS EVANGELHOS CANÔNICOS

Na obra, Saramago reconta uma história chamada por ele de arqui-conhecida. Tendo os evangelhos canônicos como referência, ele reinventa a trajetória de Jesus Cristo na terra, apresentando-o como um homem. Desde sua concepção, ele está sujeito aos acontecimentos naturais. A sua rotina não tem nada de especial, ele vive como as demais pessoas daquele meio. Ao conhecer sua origem divina, tem dificuldade em aceitá-la. O autor revela a intimidade do protagonista, apresentando os seus conflitos e fraquezas. Difere dos evangelistas canônicos, que representam Jesus com um mito, um ser dotado de poderes extraordinários, que não revela seus sentimentos e pensamentos. Conhece sua origem e sua missão, e está empenhado em convencer os ouvintes da sua condição. Os evangelistas fazem questão de priorizar a vida missionária de Jesus, destacando as profecias e milagres que ele realiza e está sujeito.

Com mínimos traços de humanidade, o Jesus canônico se envolve afetivamente com um número restrito de pessoas, demonstra poucos sentimentos e não tem momentos de reflexão. Ele veio até a Terra para divulgar a palavra de Deus, ensinar uma nova doutrina, convencer o povo da sua identidade, e morrer como um mártir para tornar-se universalmente conhecido. Já o Jesus de Saramago é um homem em toda sua essência, é concebido, nasce, cresce naturalmente. O seu conhecimento resulta de estudos, demonstra afetividade com a família, os amigos, a mulher. Está sempre pensando, vive conflitos, sente raiva, comete erros, os seus sentimentos são destacados. Ele não deseja a vida missionária, não quer reconhecimento, poder e glória, quer ser um homem comum.

A família do protagonista, que não teve relevância nos evangelhos canônicos, tem papel importante no romance. Os pais, José e Maria, são caracterizados e têm participação efetiva no desenvolvimento do enredo. Contrariando a concepção divina, apresentada por Mateus e Lucas, Saramago narra o ato sexual que resultará na gravidez de Maria. A narrativa apresenta os acontecimentos conforme as leis da natureza, como é possível observar na descrição da gravidez, dores do parto, nascimento e crescimento de Jesus, que não aparecem em nenhum dos evangelhos. Saramago preenche as lacunas deixadas pelos evangelistas, relatando etapas da vida do protagonista antes da vida missionária.

Este narrador também faz críticas à sociedade, condenando o tratamento dispensado às mulheres e os rituais religiosos da época, mas as críticas são dele e não de Jesus. É distinto dos canônicos onde a crítica aparece, é proferida por Jesus e direcionada ao sistema político e econômico. O Jesus bíblico condena, em seus discursos, a exploração dos trabalhadores, a riqueza e a desigualdade social. O Jesus de Saramago não aparece como um defensor dos excluídos, a preocupação em relação à humanidade é tentar salvá-la dos sofrimentos previstos por Deus.

Saramago se apropria de muitos acontecimentos dos evangelhos canônicos para construir seu romance. Alguns fatos, como as curas, são repetidos, outros são apresentados de forma bem semelhante, mas em momentos diferentes, como o anúncio celestial da filiação de Jesus; e outros ainda contrariam a versão canônica, como a representação de Judas, que é o corajoso discípulo que contribui para alterar os planos de Deus. E também, há as ações que foram criadas pela imaginação do autor, como a relação dele com o pastor e Maria de Magdala, que não aparecem em nenhum dos outros livros. Outras características da obra a destacar: o uso de algumas das expressões dos evangelistas, como “Em verdade, em verdade vos digo”, “o filho do homem”; a alteração das falas de Jesus no momento da sua crucificação. As referências ao Antigo Testamento, que marcam o evangelho de Mateus, também são usadas por Saramago.

O episódio da morte das crianças em Belém, que só aparece no evangelho de Mateus, é representado no romance como o acontecimento norteador da questão da culpa. Um sentimento humano que atormentará José e Jesus. No romance, José carrega a culpa por preocupar-se somente com seu filho e não ajudar outros pais. Os sentimentos de José são herdados pelo filho, os dois têm uma ligação forte. José tem participação importante no desenvolvimento do enredo. Contrariando os evangelhos canônicos, onde ele praticamente não aparece.

A prática da crucificação, a que José e Jesus foram submetidos, aparece no romance como uma condenação característica da época. Ela é referida muitas vezes, chegando a ser quantificada numa passagem, onde são apontados mais ou menos dois mil crucificados. Apesar de um ritual doloroso e chocante, é aceita pela comunidade. O autor retoma a questão da crucificação, em várias passagens, para demonstrar que Jesus não teve uma pena diferente dos outros homens do seu tempo. Os evangelistas não referem outras crucificações, pois esta penalidade imposta a Jesus solidifica a imagem de mártir.

Mateus e Lucas narram a concepção e nascimento de Jesus. Marcos e João começam sua narrativa a partir da vida missionária. Os dois primeiros não apresentam detalhes da infância do personagem, pois estes relatos não importam para o objetivo de divulgar a doutrina cristã. Somente Lucas refere uma conversa dele com os escribas, aos doze anos, no templo de Jerusalém. Este vazio das obras canônicas é preenchido no romance de Saramago. O autor aponta o crescimento natural do menino, os estudos, a relação com a família, a revolta adolescente, a saída de casa, as relações com outras pessoas, o aprendizado da vida. Saramago dá vida a Jesus, representa-o como homem, destacando seus sentimentos. Ele vive conflitos familiares, passa um tempo com um desconhecido, relaciona-se com uma mulher, tem amigos, questiona os dogmas religiosos e não aceita sua condição divina. Sente-se culpado pelas desgraças anunciadas por Deus.

Os evangelistas canônicos apresentam Jesus como um ser diferenciado, gerado por uma mãe virgem, anunciado por profecias, temido por autoridades. Suas vivências parecem não ter importância, não é necessário conhecer a infância de Jesus. Ele é o filho de Deus, seu único papel é divulgar a doutrina cristã. Sua sabedoria e seus poderes são divinos. Ele não tem dúvidas, não questiona a vontade de Deus. Realiza milagres e prega com entusiasmo. Aceita a condição de mártir, e não sente culpa pelos sofrimentos que irá causar na humanidade.

A humanidade de Jesus também é marcada pela relação com Maria de Magdala. A personagem, que só aparece nos quatro evangelhos na crucificação e ressurreição, tem um papel fundamental no romance. É com ela que Jesus irá conhecer o prazer sexual e o amor. É nela que Jesus encontra conforto nos momentos de maior sofrimento. Para ela, o protagonista revela suas fraquezas e medos.

Os discípulos dos evangelhos canônicos são representados por Saramago como amigos de Jesus. Os pescadores Simão, André, Tiago e João são os primeiros e mais fiéis parceiros. Eles testemunham seu primeiro milagre. A relação deles é de afeição e amizade. Jesus não está ali para ensiná-los a palavra de Deus, como nos outros textos. Os diálogos aparecem como um desabafo das angústias e dúvidas de Jesus. Os outros acompanham o grupo depois do início da vida missionária. Os discípulos canônicos aprendem com Jesus para multiplicar suas ideias. A pesca milagrosa, relatada no romance, que marca a aproximação do personagem e seus amigos, aparece somente no Evangelho de Lucas.

Saramago apresenta os conflitos familiares de Jesus, que resultam no seu sofrimento. Os sentimentos provocados pela discórdia são fundamentais na trajetória do personagem. A mágoa e o ressentimento justificam a revolta de Jesus quando é procurado pelos irmãos, e

escolhe a companhia daqueles que acreditam na sua palavra. Difere do que acontece em Mateus, Marcos e Lucas, onde Jesus trata a família com desprezo sem motivo aparente, simplesmente porque acredita ser o filho de Deus.

Maria, a mãe, recebe o anúncio de um anjo afirmando que Jesus (já adulto) é filho de Deus, o qual misturou sua semente à de José. A escolha é resultado da juventude e saúde do casal. Mesmo como filho de Deus, foi necessária a ação da natureza para concepção de Jesus. O relato é distinto dos evangelhos canônicos: em Mateus quem recebe o anúncio é José, e em Lucas, Maria recebe o anúncio antes de saber que está grávida, e acredita ter sido escolhida.

O rompimento com a família, relatado no romance, transforma Jesus num andarilho. Ele vive com Maria de Magdala, os dois alimentam-se das gratificações pelo milagre da pesca. Jesus aparece angustiado, espera pelo novo encontro com Deus, onde seu destino será revelado. Realiza alguns milagres: acalma uma tempestade, cura a sogra de Simão, expulsa uma legião de demônios como ocorre também em Mateus, Marcos e Lucas. Há também a transformação da água em vinho, e a salvação da adúltera como aparece em João. O autor apresenta a maldição da figueira, milagre que aparece em Marcos e Mateus; e a multiplicação de pães que aparece em todos os evangelhos. Na obra, Jesus realiza poucos milagres em comparação aos relatados nos evangelhos bíblicos. A imagem do milagreiro fica em segundo plano. Saramago prioriza as experiências e relações humanas vivenciadas por Jesus.

No romance, a vida missionária de Jesus começa depois do mítico encontro dele com Deus e o Diabo no mar. Nesta passagem, ele confirma sua origem e conhece sua missão. Difere dos evangelhos canônicos, onde Jesus já conhece sua identidade e seu destino, e passa quarenta dias no deserto. O encontro, os diálogos, o desejo em não cumprir os planos de Deus, marcam o personagem de Saramago. A revelação deste encontro que aparece em Mateus, Marcos e Lucas é o futuro trágico da humanidade em função da religião. Aqui Saramago mostra um Jesus decepcionado e amedrontado. Ele duvida da sua origem, não fica feliz ao saber da sua divindade, preferia ser filho de José e viver como um homem comum. Tenta fugir do seu destino, mas não consegue. Sofre pelas tragédias anunciadas, em oposição ao Jesus canônico que não sente culpa e deseja reconhecimento. A humanidade de Jesus é constatada na descrição dos seus sentimentos.

Saramago apresenta um Jesus que inicia sua vida missionária sem entusiasmo. Ele não concorda com a vontade de Deus, por isso age mecanicamente, realiza os discursos sem convicção, chega a parar de falar ao público ao pensar no futuro. Prega o arrependimento e realiza milagres, como acontece nos evangelhos canônicos, mas sem a vontade e a fé

representada por eles. As curas relatadas no romance estão de acordo com os evangelhos. João Batista aparece depois que Jesus iniciou sua missão, mas, como acontece nos outros textos, Jesus é batizado por ele. João Batista tem pouco destaque no romance. A sua morte aparece pela mesma motivação dos evangelhos de Mateus e Marcos. Ao contrário do que acontece em João, Saramago relata que Jesus não promoveu a ressurreição de Lázaro: Maria interfere e impede que ele realize o milagre.

A expulsão dos comerciantes do templo, que aparece nos quatro evangelhos, é relatada no romance para cumprir uma ordem divina. Jesus e os amigos promovem um tumulto generalizado, para transformar o templo em local exclusivo para oração. Eles são contidos pelos comerciantes e soldados, e liberados pelos sacerdotes. Este acontecimento contribui para o reconhecimento de Jesus como um rebelde.

O Jesus de Saramago, inconformado com seu destino, deseja mudar o projeto de Deus. Precisa de ajuda para ser preso e condenado como um homem comum. Nesta passagem, o autor transforma Judas, o traidor dos evangelhos, naquele que contribuiu com os planos do seu líder. Nos evangelhos canônicos, Jesus passa sua vida divulgando sua filiação divina e preparando-se para a morte como mártir, que fortalecerá a fé da humanidade no cristianismo. No romance, Jesus não aceita esta condição, planeja morrer sem o reconhecimento sagrado. Se o seu plano desse certo, ele também seria um salvador, salvaria a vida de muitos, e evitaria as desgraças decorrentes de disputas religiosas. Difere do salvador divino, que promete como recompensa aos seguidores a vida eterna no paraíso.

O autor finaliza o romance no momento da morte, sem referir a ressurreição e ascensão apresentada nos evangelhos canônicos. O homem morre e não está sujeito a acontecimentos míticos. Este final solidifica a imagem do homem representado por Saramago.

Os evangelhos canônicos representam um Jesus milagreiro, dotado de poderes extraordinários, sem revelar muitas necessidades humanas. O personagem é sujeito a uma concepção milagrosa, morte espetacular e ao final mítico da ressurreição e ascensão ao céu. Os autores priorizam o reconhecimento do protagonista como o filho de Deus e a divulgação da doutrina cristã. Já Saramago apresenta a trajetória de Jesus como um homem, carregado de sentimentos e frágil diante da vida. O personagem tem poderes, é filho de Deus, mas prefere ser o filho de José e não realizar milagres. Sua vida missionária é imposta, ele não tem escolha. Os conflitos de Jesus ocupam a maior parte da narrativa, mostrando que o autor priorizou a identidade humana do protagonista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os evangelistas canônicos, cada um a seu modo, apresentam a trajetória de Jesus na Terra, como um mito. Ele é o filho de Deus que veio com um fim determinado: divulgar a doutrina cristã, morrer crucificado e ressuscitar ao terceiro dia. As narrativas pretendem recuperar as origens do Cristianismo. Saramago, ao recontar esta trajetória, apresenta Jesus como um homem, que nasce, vive e morre como tal. Na narrativa, denuncia o futuro de sofrimentos da humanidade após o surgimento do Cristianismo.

Os evangelistas representam Jesus de formas distintas. Em Mateus, Jesus é arrogante e autoritário, em Marcos ele é mais simples e próximo do povo, Lucas demonstra a preocupação do protagonista com os excluídos, e João apresenta um Jesus prepotente e desconfiado da humanidade. Mesmo com personalidades distintas, o personagem dos quatro textos é um ser mítico, com poucas necessidades humanas. Apesar de Mateus e Lucas apresentarem a concepção milagrosa do protagonista, que serve para caracterizar a sua divindade, os autores não apresentam a infância de Jesus. A vida comum do homem de carne e osso, que também é um deus, não importa para a sua vida missionária. Ele é um ser sagrado que veio pronto para divulgar a nova doutrina. Sua sabedoria é divina, ele não precisa de aprendizado.

Não é possível conhecer a intimidade do Jesus canônico, pois seus sentimentos e pensamentos não são apresentados. Os narradores preocupam-se em caracterizar o divino, os milagres confirmam sua identidade. Jesus age com a autoridade do filho de Deus, é superior aos demais homens. Ele sabe o que faz e porque faz. De humano neste personagem, somente o corpo e algumas necessidades físicas.

Os evangelistas apresentam Jesus como conhecedor do seu destino e obediente à vontade de Deus. Sua morte representa a remissão dos pecados da humanidade. É desta forma que será o salvador. Sua ressurreição representa a promessa de vida eterna aos homens.

Nos evangelhos, foi divulgada uma nova doutrina. Jesus divulgou e viveu conforme os preceitos desta doutrina. Ele é um modelo a ser seguido. Sua morte faz com que várias pessoas acreditem na sua palavra e passem a viver conforme as suas orientações, marcando o início do Cristianismo.

Os evangelhos deram origem a várias reinterpretações, entre elas está a obra literária que é objeto deste estudo. O romancista português José Saramago faz uma releitura dos

evangelhos canônicos. No *Evangelho segundo Jesus Cristo*, o autor ensina a olhar para Jesus de outra forma, um homem fragilizado que não aceita sua condição divina. Na construção do personagem, o narrador destaca as características que marcam sua humanidade, mas não nega sua divindade. Ele permite que os leitores conheçam a intimidade de Jesus, pois revela todos seus pensamentos e sentimentos.

No romance, a virgindade de Maria, destacada por Mateus e Lucas, é desmitificada. A concepção, mesmo divina, passa pelo ato sexual. Jesus é concebido, nasce, cresce, vive e morre de acordo com a natureza.

O vazio dos textos canônicos em relação à vida de Jesus é preenchido no romance. O autor relata todas as etapas da vida de Jesus. O personagem é construído aos poucos, permitindo ao leitor acompanhar seu crescimento e aprendizagem. Na infância, foi um menino como todos os outros, sem nenhum traço divino. Viveu tranquilamente até a morte do pai. Esta morte marca uma transformação na vida do personagem. O adolescente inquieto parte de casa em busca de respostas para suas dúvidas. A culpa, herdada do pai, impulsiona os passos de Jesus.

O autor conta as peregrinações de Jesus em busca do autoconhecimento, ele procura dar um sentido à vida. Neste período, ele conhece o pastor que põe em dúvida sua educação moral e religiosa, e passa a questionar os costumes sociais e preceitos judeus. As suas dúvidas e conflitos sempre são apresentados no texto.

Saramago destaca as relações estabelecidas pelo personagem. Jesus encontra numa aldeia de pescadores seus primeiros amigos. E com Maria de Magdala vive uma relação amorosa. As relações são importantes, pois Jesus precisa interagir com os outros, esclarecer dúvidas, aprender. Também é com Maria de Magdala que Jesus descobre o prazer sexual, outra característica humana. Ela será sua fiel companheira até o fim. Eles formam um casal ilegítimo, contrariando um tabu social e religioso.

Ao contrário do Jesus canônico, o Jesus saramagueano ainda não conhece sua origem divina, ao realizar os milagres, surpreende-se. Não entende o que acontece, nem sabe explicar a origem de seus poderes. Pensa no seu encontro com Deus e acredita que eles sejam os sinais anunciados. Espera pela revelação do seu destino. Na verdade, ele suspeita que será sujeito de algo grandioso, não sabe se bom ou ruim. Ele é frágil, instável, vive em constante conflito com a realidade.

No romance, Jesus é um indivíduo simples, rústico, cercado de dúvidas e incertezas em relação ao próprio futuro. Ele conhece sua origem e destino quando a narrativa se aproxima

do final. Resiste em aceitar sua condição, mas acaba reconhecendo sua impotência diante de Deus. Resignado, aceita o papel imposto pelo Senhor. Mas não desiste de tentar mudar o seu futuro. Jesus quer proteger a humanidade dos sofrimentos anunciados por Deus, e tenta enganá-lo adiantando sua morte. Porém tudo já estava programado, e ele morre conforme os planos do Pai.

A narrativa de Saramago difere das canônicas em muitos aspectos. Seus personagens apresentam características distintas dos evangelhos, José é o pai protetor, Maria é a esposa cumpridora dos deveres, Judas não é traidor, Maria de Magdala é a companheira apaixonada, Deus é cruel, e o Diabo é simpático. O autor prioriza a vida terrena de Jesus, deixando em segundo plano sua vida missionária. O que importa para a narrativa é a humanidade do protagonista, um homem como todos os outros do seu povo, que erra, tem dúvidas, sente fome, sede, sono, raiva, medo, desejo. Além disso, ele denuncia a igreja como a responsável por muitos sofrimentos da humanidade, destacados nas revelações de Deus sobre o futuro, que chegam a incomodar o Diabo.

O narrador não nega em momento algum a divindade de Jesus, mas informa o seu desejo em ser um homem comum. O Jesus de Saramago não valoriza o poder e a glória, ele valoriza a vida. Ele prefere morrer como um desconhecido, a ser adorado como o Filho de Deus. O Jesus de Saramago vive o conflito de ser o homem e o mito, mas na narrativa literária o humano se sobrepõe ao divino. O personagem tem um fim humano, encerra o ciclo nascer, viver e morrer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia Sagrada. São Paulo: Editora Ave Maria, 1958.

NEDEL, Paulo Augusto. O evangelho segundo o narrador: o papel do narrador em O evangelho segundo Jesus Cristo de José Saramago. [Dissertação] UFRGS. Porto Alegre: 2006.

SARAMAGO, José. O evangelho segundo Jesus Cristo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOUZA, Ronaldo Ventura. O Jesus de Saramago e a literatura que revisita Cristo.[Tese] USP. São Paulo: 2007.